

Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923

José Barreto*

Keywords

Fernando Pessoa, Raul Leal, immoral books, moralizing campaign, pamphlets

Abstract

In 1923, Fernando Pessoa published two pamphlets against the moralizing campaign of the so-called Action League of Lisbon Students, a group of Catholic students who pressed and obtained from the authorities the seizure and destruction of allegedly “immoral” books on sale in bookstores. Pessoa sent copies of his protest pamphlets by mail to 205 recipients, chosen among the cream of Portuguese doctors, psychiatrists, scientists, teachers, writers, artists, lawyers, engineers and journalists. We thus have an image, though somewhat circumstantial, of what Pessoa considered to be an intellectual and opinion-forming elite in his contemporary Portugal. The complete list of the recipients is presented here with a short biography of each one.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Raul Leal, livros imorais, campanha moralizadora, panfletos

Resumo

Em 1923, Fernando Pessoa publicou dois panfletos contra a campanha moralizadora da chamada Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, um grupo de estudantes católicos que exigiram e conseguiram das autoridades a apreensão e destruição dos livros alegadamente “imorais” à venda nas livrarias. Pessoa enviou exemplares desses panfletos de protesto pelo correio para 205 destinatários, escolhidos entre a nata dos médicos, psiquiatras, cientistas, professores, escritores, artistas, advogados, engenheiros e jornalistas portugueses. Dispomos assim de uma imagem, ainda que algo circunstancial, do que Pessoa considerava ser uma elite intelectual e formadora de opinião no Portugal seu contemporâneo. Apresenta-se aqui a lista completa dos destinatários com uma pequena biografia de cada um.

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Em artigo anterior (BARRETO, 2012a: 240-270), apresentámos e reproduzimos os panfletos publicados em 1923 por Fernando Pessoa e Raul Leal, na sua polémica pública com a Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, durante a campanha movida por esta associação estudantil católica contra os “livros imorais”. Entre as obras mandadas apreender pelo Governo Civil de Lisboa, incluíam-se *Sodoma Divinizada* de Raul Leal e *Canções* de António Botto, ambos editados pela Olisipo de Fernando Pessoa. Remetemos o leitor para o historial que nesse artigo se faz da dita campanha, dos seus protagonistas e das medidas repressivas que as autoridades tomaram em consonância com as reivindicações estudantis.

Depois de renunciarem à ideia de um protesto colectivo de escritores contra a apreensão dos livros, Fernando Pessoa e Raul Leal publicaram em nome individual, entre Março e Maio de 1923, três panfletos ou folhas volantes visando principalmente a campanha dita moralizadora dos estudantes. Trata-se de dois escritos de Fernando Pessoa, *Aviso por Causa da Moral* (este assinado por Álvaro de Campos) e *Sobre um Manifesto de Estudantes*, e um de Raul Leal, *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica*. Um segundo panfleto de Raul Leal, intitulado *Para os Sórdidos Estudantes de Lisboa*, não terá sido distribuído, apesar de ter sido impresso. Refira-se que também António Botto e Mário Saa publicaram protestos contra o confisco de livros, o primeiro em folha volante de 1923 intitulada *O Meu Manifesto a Toda a Gente*, o segundo, no ano seguinte, com o texto “António Botto, o espiritualista da matéria”, em posfácio ao livro de Botto *Curiosidades estéticas* (Lisboa: s.n., 1924).

Uma parte dos exemplares dos panfletos de Pessoa e Leal poderá ter sido distribuída em mão pelos seus autores. Outra parte, no caso de Pessoa, foi enviada pelo correio em Maio de 1923, do que dão testemunho as listas de nomes de destinatários, com os respectivos endereços postais e as presumíveis datas de envio, que encontrámos e identificámos no espólio pessoano. Uma terceira parte, enfim, é constituída pelos numerosos exemplares de sobras dos dois panfletos de Pessoa, que por ele foram conservados, utilizando-os, durante anos, para escrever no verso das folhas. Não se sabe se Pessoa se limitou a enviar pelo correio o seu segundo panfleto, *Sobre um Manifesto de Estudantes*, escrito em princípios de Maio, ou se lhe juntou também o primeiro, *Aviso por Causa da Moral*, de Março, de que haviam sobrado muitos exemplares. Os panfletos de Pessoa poderão, em alguns casos, ter sido enviados pelo correio juntamente com o de Raul Leal (publicado em Março), como o sugere uma nota manuscrita por Pessoa numa das listas.¹

Os 205 destinatários individuais que constam das listas elaboradas por Fernando Pessoa constituem um interessante conjunto, em que aos nomes dos mais destacados médicos e psiquiatras do país se juntam os de numerosos

¹ BNP/E3, 48D-61^v (nota manuscrita riscada que começa “Com o de Raul Leal”, seguindo-se seis nomes de destinatários).

escritores, artistas, professores, cientistas, jornalistas, deputados, políticos, engenheiros, advogados, historiadores, oficiais do Exército e da Armada, altos funcionários, etc. Pessoa dirigia-se, pois, a uma elite intelectual, com compreensível relevo, por força do tema em debate, para a classe médica e científica, uma vez que se tratava, em boa parte, de contestar diagnósticos psiquiátricos imbricados com juízos morais sobre a homossexualidade dos autores das obras apreendidas.

É significativa a exclusão de nomes femininos dessas listas, o que se poderá compreender, em parte, pelo facto de as mulheres em 1923 ainda permanecerem basicamente arredadas das profissões e ocupações mencionadas – exceptuando as actividades literárias ou artísticas, nas quais, todavia, Pessoa talvez considerasse não haver nomes femininos merecedores de figurar entre a *elite influente* a que pretendia dirigir-se. Na óptica algo misógina de Pessoa, as mulheres também não teriam suficiente capacidade intelectual ou estatuto social para lhes reconhecer a qualidade de ajuizadoras no pleito em causa. Transparece também das listas de destinatários algum menosprezo pela classe de governantes da 1.^a República, nitidamente sub-representada, mas poderá constatar-se que os nomes seleccionados por Pessoa cobrem um largo espectro político-ideológico, ainda que com alguma sobre-representação de monárquicos.

A selecção de nomes operada por Pessoa reflecte, até certo ponto, o seu apreço pessoal por essas personalidades, embora saibamos que alguns nomes constantes das listas lhe mereciam escassa admiração ou mesmo clara antipatia, como Alfredo Pimenta, Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, Júlio Dantas, Alfredo da Cunha ou António Ferro, entre outros. Nesses casos, o critério de Pessoa funda-se aparentemente na mera constatação do prestígio público e influência sociocultural das individualidades em questão.

Se o conjunto dos 205 nomes seleccionados tem inegavelmente, pelos motivos atrás referidos, algum carácter circunstancial, podemos também encará-lo como uma amostragem da elite cultural portuguesa contemporânea de Fernando Pessoa, segundo a predominante óptica deste, obviamente. Outras extensas listas de nomes elaboradas pelo escritor, primeiro em 1915, quando do lançamento da revista *Orpheu*², depois em 1919-1920, quando da constituição da *Olisipo*³, podem completar, sempre segundo a óptica de Pessoa, o conjunto aqui em apreço.

*

² Vejam-se as listas com mais de 200 nomes transcritas em PESSOA (2006: 503-506). Segundo Jerónimo Pizarro, tratar-se-ia dos nomes de possíveis assinantes ou divulgadores do *Orpheu* (2006: 501).

³ Veja-se aqui, no Anexo, a lista de cerca de uma centena de nomes de eventuais subscritores do capital da *Olisipo* que se acham em BNP/E3, 144G-42 a 43.

Dão-se adiante os nomes de 205 destinatários individuais, tal como figuram nas listas manuscritas ou dactilografadas por Fernando Pessoa (BNP/E3, 48D-60 a 65 e também, segundo se presume, BNP/E3, 75-71^v e 71a^v). Acrescenta-se uma sucinta biografia de cada um deles, consagrando naturalmente maior atenção aos anos correspondentes ao período de vida de Fernando Pessoa e, mencionando, quando pertinente, as relações deste com os biografados. Mantém-se a ortografia original dos nomes, mas omitem-se os respectivos endereços postais. No caso de se dar também o nome completo do destinatário, a sua ortografia é actualizada. Seguiu-se a ordem de numeração do espólio e a ordem dos nomes nas listas. Eliminaram-se os nomes repetidos em diferentes listas, retendo-se, nesses casos, o nome mais completo. Não foram considerados os destinatários não individuais (como “reitores de todos os liceus da província”, “jornais da província”, “administradores de concelho”, “professores mais notáveis dos liceus”, “associações de estudantes de Coimbra, Porto e Lisboa”) nem os cargos individuais sem o nome dos seus titulares (bispos de certas dioceses, directores de certos jornais). Omitiram-se os títulos académicos e militares a anteceder os nomes, assim como os títulos de nobreza, excepto quando estes últimos figuram em vez do nome (Conde de Mafra, Visconde de Vila Moura). Como se pode constatar pelas datas registadas nas listas originais, que se podem consultar aqui, os envios postais dos panfletos terão sido efectuados entre 10 e 18 de Maio de 1923.

48D-60

Eduardo de Sousa.	Serviço Público	Finanças.
Marye Garcia. - resis.	Terr. e Agri.	Polícia
Luiz Dermet - resis. or	Imp. Nac.	Thy. Pinf. P.
Alf. Lapa - Vicaria.	Banco de Portugal e do Rio de Janeiro Caixa Central	"Radical"
Arbiza e Costa.		"Imprensa Nova"
José Coltho Barbosa		Carlos Mathias Dias
Luiz Lins.		Alf. Pereira.
(Secretaria de Vicaria.)		Alex. Fonseca.
(Cunha Dias.)	Alcântara Lourenço.	Administração de Correios.
Antônio Luis de Oliveira.	Mário Lacerda.	
José Joaquim	Santa de Rosconilla.	
Hermes Arantes.		
José Lemos.		
Alexandre Rey Lisboa.		Juntas de Paróquias
José Maria de Sousa de Almeida		
Carlos Lacerda.		Professores nas escolas de liceus. Diretores de todos os liceus de primeira ordem.
A. J. Rebelo.		
F. L. Vieira de Almeida		
Internato de Foz de Iguaçu		
Augusto de Foz de Iguaçu		
Mozaltes Lacerda.		Bônus
(Ruy Ulrich).		

Fig. 1a. BNP/E3, 48D-60.

13/5/22.

Carlos de Carvalho
Leonard Comil
Hernani Aida
"Ludgero"
"Des. Petros"
Eno o loto.

T. de Amorim
Presidente de Portugal
Vicente de Villa Moura

AVISO

POR CAUSA DA MORAL

QUANDO o publico soube que os estudantes de Lisboa, nos intervallos de dizer obscenidades ás senhoras que passam, estavam empenhados em moralizar toda a gente, teve uma exclamação de impaciencia. Sim—exactamente a exclamação que acaba de escapar ao leitor...

Ser novo é não ser velho. Ser velho é ter opiniões. Ser novo é não querer saber de opiniões para nada. Ser novo é deixar os outros ir em paz para o Diabo com as opiniões que teem, boas ou más — boas ou más, que a gente nunca sabe com quaes é que vae para o Diabo.

Os moços da vida das escolas intromettem-se com os escriptores que não passam pela mesma razão porque se intromettem com as senhoras que passam. Se não sabem a razão antes de eu lh'a dizer, tambem a não saberiam depois. Se a pudessem saber, não se intrometiriam nem com as senhoras nem com os escriptores.

Bolas para a gente ter que aturar isto! Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem sciencias, se estudam sciencias; estudem artes, se estudam artes; estudem letras, se estudam letras. Divirtam-se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte.

Mas quanto ao resto, calem-se. Calem-se o mais silenciosamente possivel.

Porque ha só duas maneiras de se ter razão. Uma é calar-se, e é a que convém aos novos. A outra é contradizer-se, mas só alguém de mais idade a pode commetter.

Tudo mais é uma grande maçada para quem está presente por acaso. E a sociedade em que nascemos é o logar onde mais por acaso estamos presentes.

Europa, 1923.

ALVARO DE CAMPOS.

TYP. ANUARIO COMMERCIAL-PRAGA RESTAURADOREZ

Mentair: m. e. faulades!
Coste Rodriguez
Mentros
Proclata
Jaegerman
Amor. Fiveria
Adriano Nelson
Que a mulher - D. Luz e Carlos

Fig. 1b. BNP/E3, 48D-60v.

Eduardo de Sousa. Eduardo Alfredo de Sousa (1865-1927). Médico, jornalista e político republicano. Em 1890 fundou no Porto o semanário académico *O Rebate*, foi membro da Liga Patriótica do Norte (liderada por Antero de Quental) e, juntamente com João Chagas, Sampaio Bruno e outros, foi redactor do diário portuense *A República Portuguesa* (1890-1891). Na sequência do 31 de Janeiro de 1891, foi condenado a dois anos de prisão e depois indultado. Entre 1908 e 1911 foi director político do *Diário da Tarde*. Foi eleito deputado em 1915 e 1919. Em 1916-1919, foi redactor principal e director interino do jornal *República*, ligado ao Partido Evolucionista. Em 1919 chamou ao sidonismo “um crime contra a honra nacional”. Pertenceu ao Partido Liberal Republicano (1919-1923) e foi vice-presidente da Cruzada Nun’Álvares até 1923, abandonando então essa agremiação por discordar da sua crescente politização e conotação com os monárquicos. Em 1923-1924 foi governador civil do Porto. Autor de *O Pão* (tese apresentada à escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1897), *O Dezembrismo e a sua Política na Guerra* (1919) e *Após Monsanto: Através da Decomposição dos Partidos* (1921).

Mayer Garção. Francisco de Sande Salema Mayer Garção (1872-1930). Jornalista republicano, escritor e tradutor. Trabalhou em *O Mundo*, *A Capital*, *A Manhã*. Publicou a antologia poética *Os Cem Sonetos* (1920) e editou e prefaciou o livro póstumo de Guerra Junqueiro, *Horas de Combate* (1924).

Luiz Derouet (1880-1927). Jornalista, revisor tipográfico e, entre 1910 e 1927, director da Imprensa Nacional. Colaborou na imprensa republicana (*Actualidades*, *A Vanguarda*, *O Mundo* e *A Manhã*, dos quais foi cofundador, e *Barricada*, *A Pátria*, *Diário da Tarde* e *Diário de Lisboa*). Eleito deputado pelo Partido Republicano em 1913 e 1915. Recusou a publicação, em 12 de Agosto de 1927, de um *Diário do Governo* elaborado pelos revoltosos do “golpe dos Fifis” que nomeava Filomeno da Câmara para todas as pastas do governo. Em 31 de Outubro desse mesmo ano foi abatido a tiro à porta da Imprensa Nacional por um tipógrafo desempregado, morrendo no dia seguinte.

Afonso Lopes Vieira (1878-1946). Poeta. Bacharel em direito e funcionário da Câmara dos Deputados (1906 -1916), dedicou-se depois exclusivamente à escrita. Como poeta, foi um dos expoentes do neogarrettismo, com ligações à Renascença Portuguesa. Colaborou em *A Águia*, *Nação Portuguesa*, *Contemporânea* e publicou dezenas de livros de poesia. Apesar de uma faceta “anarquizante” revelada em obras de juventude, foi monárquico, próximo dos integralistas e membro da Cruzada Nun’Álvares. Em 1921 o seu poema “Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)”, publicado em folheto, foi apreendido pela polícia. Em 1923, com António Sérgio e outros, publicou a revista *Homens Livres*, sob o lema “Livres da Finança & dos Partidos”, de que saíram só dois números. Nos anos 30, Afonso

Lopes Vieira demarcou-se do salazarismo, com argumentos idênticos aos do Integralismo Lusitano. Fernando Pessoa publicou em 1913 uma crítica arrasadora do seu livro de versos para crianças *Bartolomeu Marinheiro* (PESSOA, 1913). Num escrito do mesmo ano, Pessoa considerava Júlio Dantas e Afonso Lopes Vieira, literariamente, como os “representantes naturais” da época (PESSOA, 2013a: 165).

Cunha e Costa. José Soares da Cunha e Costa (1867-1928). Advogado, jornalista, conferencista e político. Após ter cursado direito em Coimbra, foi para o Brasil, regressando a Portugal em 1904. Republicano, foi membro da vereação municipal de Lisboa em 1908. Publicara, ainda jovem, *A Luta Civil Brasileira e o Sebastianismo Português* (1894). Participou muito activamente na redacção da Constituição de 1911, manifestando já a sua independência (elaborou um projecto de Constituição próprio). Desvinculou-se gradualmente, a partir de então, do republicanismo. Aproximou-se dos monárquicos e dos católicos, declarando em 1917 que a restauração da monarquia era a única alternativa à “tirania democrática”. Foi colaborador dos jornais republicanos *O Século* e *O Mundo* e, posteriormente, dos jornais monárquicos *O Dia* e *A Nação*. Rompeu com a Causa Monárquica em 1918 para se tornar um apoiante de Sidónio Pais, em quem via a “criatura providencial” para iniciar um processo de regeneração nacional sob o signo da ordem. Foi, então, um dos promotores da reconciliação entre o Estado e a Igreja. Sobre esse período publicou o livro *A Igreja Católica e Sidónio Pais* (1921), atacando a política religiosa da “República Velha”. Pertenceu à direcção da Liga Nacional (1915) e da Cruzada Nun’Álvares (de 1921 até à morte). Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Foi defensor de Alves Reis no processo do Banco de Angola e Metrópole.

José Coelho Pacheco. José Coelho de Jesus Pacheco (1894-1951). “Engenheiro” segundo Fernando Pessoa (75-71^v-71a^v), embora não tivesse completado o curso, e comerciante de automóveis, poeta e tradutor nas horas vagas. Em Fevereiro de 1914, com 19 anos, publicou, com Fernando Carvalho Mourão, o n.º 1 e único de *Renascença – Revista de Crítica, Literatura, Arte*, que inseria colaboração de, além dos citados, Júlio Dantas, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Alfredo Guisado. Com 21 anos contribuiu com a poesia “Para Além d’Outro Oceano” para o n.º 3 do *Orpheu*, sob o nome de C. Pacheco – durante muito tempo tomado por um heterónimo de Pessoa (LOPES: 2011). Traduziu *Le village aérien*, de Jules Verne (*A Aldeia Aérea*, Bertrand, 1937). Era sobrinho de Geraldo Coelho de Jesus, outro amigo de Pessoa. Figura, sob o nome José Coelho Pacheco, com três outros membros da família Coelho de Jesus, numa lista de potenciais investidores da Olisipo (144G-42^v, ver Anexo).

Luiz Leitão. Luís Albino da Silva Leitão (1866-1940). Filantropo, escritor, jornalista. Trabalhou nos Correios e Telégrafos. Em 1923 estava colocado na Companhia

Industrial de Portugal e Colónias. Colaborou em numerosos jornais. Foi o introdutor da Festa da Árvore em Portugal e o responsável pela Semana da Bondade, que se realizou durante alguns anos. Fez parte da direcção da Sociedade Protectora dos Animais. Foi pacifista, vegetariano e militante contra o alcoolismo, o tabagismo e as touradas. Defendeu a educação feminina e os direitos da criança e dos animais. Pedro Teixeira da Mota definiu-o como um “tolstoiano da tradição espiritual portuguesa”. Foi director da *Revista do Bem* e publicou *Cem Grandes Virtudes em Cem Pequenos Capítulos* (1915), *A Sombra das Boas Árvores* (1915) e ainda *Escola do Carácter* (1916), de que em 1921 ofereceu um exemplar a Fernando Pessoa com dedicatória.

Duarte de Viveiros. Duarte José de Viveiros (1897-1937). Advogado e poeta açoriano. Em Lisboa deu-se com modernistas, como Luís de Montalvor, Alfredo Guisado e Albino de Meneses. Deixou poesia esparsa, reunida postumamente no volume *Obra Poética* (1960).

Cunha Dias. Alberto da Cunha Dias (1886-1947), assinando sempre Da Cunha Dias, foi advogado, escritor, jornalista, editor e polemista político. Foi um dos “intransigentes” da greve estudantil de 1907. Amigo de Fernando Pessoa, que em 1916 lhe dedicou o poema “Gládio”, quando Cunha Dias se encontrava pela primeira vez internado num manicómio (BARRETO, 2012c). Publicou vários livros sobre a instituição psiquiátrica em Portugal, de que se considerou vítima, e contra a maçonaria, que atacou ferozmente na imprensa e em livros. Defendeu réus do processo da chamada “Noite Sangrenta” de 19 de Outubro de 1921, tentando virar a acusação contra o Grande Oriente Lusitano. De republicano e democrata evoluiu para posições de extrema-direita. Sugeriu a Fernando Pessoa que alterasse o título do livro de poesia *Portugal*, que o poeta depois publicou como *Mensagem*.

Antonio Correia de Oliveira (1878-1960). Poeta e proprietário. Monárquico, próximo do Integralismo Lusitano, e apoiante do Estado Novo. Colaborou com o movimento Renascença Portuguesa e na revista *A Águia*. Fernando Pessoa disse numa nota para Armando Côrtes-Rodrigues, em 1914, ter sofrido influência da sua poesia no período 1908-1909. Sobre o seu livro *Raiz*, Pessoa disse conter “inúmeros pecados contra a arte”, mas também “lampejos de génio”, afirmando ainda ser Correia de Oliveira um poeta em que a intuição se mostrava “desligada da inteligência e do espírito crítico” (PESSOA, 2013a: 197). Nos anos 30, Correia de Oliveira era já visto como o poeta oficial do regime salazarista. Na sessão plenária de encerramento do I Congresso da União Nacional, em 28 de Maio de 1934, Correia de Oliveira, presidente da 3.^a secção do congresso, recitou o seu poema *Patria Nostra*, que viria a ser publicado em 1935 pelo Secretariado da Propaganda Nacional e cujo original manuscrito o autor ofereceu a Salazar. Na biblioteca

particular de Fernando Pessoa existem duas obras de Correia de Oliveira: *Auto do Fim do Dia* (1900) e *Elogio dos Sentidos* (1908). Pessoa ter-se-á inspirado numa quadra de António Correia de Oliveira, publicada em 1902, para escrever os dois primeiros versos do poema “Mar Português”, tendo por isso sido acusado de plágio num texto anónimo publicado no semanário *Fradique* de 14 de Março de 1935. Pessoa não respondeu publicamente à acusação (BARRETO, 2013).

Guerra Junqueiro. Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923). Poeta, funcionário público e proprietário. Num texto inédito de 1909-1910, Fernando Pessoa tinha Junqueiro por “o maior poeta vivo da actualidade” (14C-30^r a 35^r). A sua obra *Pátria* era julgada por Pessoa em 1914 como “a maior obra portuguesa dos últimos trinta anos”, superior mesmo aos *Lusíadas* de Camões (resposta de Fernando Pessoa a um inquérito do jornal *República*). A partir de 1915, porém, Pessoa deixou de lhe fazer referências elogiosas, passando a tecer comentários depreciativos, como: “Guerra Junqueiro? Tenho uma grande indiferença pela obra dele. Já o vi... Nunca pude admirar um poeta que me foi possível ver” (PESSOA, 2010: 680), ou este certificado de óbito da obra e do homem, escrito por Pessoa após o falecimento do poeta em 1923: “Junqueiro morreu logo que morreu” (PESSOA, 2013a: 286).

Hemeterio Arantes (1864-1932). Jornalista, ensaísta e poeta. Colaborou especialmente na imprensa monárquica. Autor de *Ramalho Ortigão* (1915), *D. Teresa de Rio Maior* (1916), *O Parlamentarismo e o Moderno Teatro* (1917) e *Frei Agostinho da Cruz* (1909), o último dos quais Fernando Pessoa tinha na sua biblioteca e que é uma denúncia de alegados erros que Teófilo Braga teria cometido no seu livro *História dos Quinhentistas* (1871).

Jorge Colaço. Jorge Rey Colaço (1868-1942) foi pintor, ceramista, ilustrador e caricaturista. Principal obreiro do renascimento da arte da azulejaria em Portugal. Estudou arte em Lisboa, Madrid e Paris. Trabalhou desde os anos finais do século XIX até 1923 na Fábrica de Louça de Sacavém, tendo colaborado depois, até à sua morte, na Fábrica de Cerâmica Lusitânia (Lisboa) e na Fábrica Lusitânia (Coimbra). Autor, entre outros, dos painéis de azulejo do Palace-Hotel do Buçaco (1907), da Estação de S. Bento no Porto (1915), da Casa do Alentejo (1918) e do Pavilhão dos Desportos em Lisboa (1922). Colaborou com desenho humorístico no semanário *Branco e Negro* (1896-1899) e no semanário humorístico monárquico *O Thalassa* (1913-1915).

Alexandre Rey Colaço (1854-1928). Pianista, compositor e professor do Conservatório. Estudou piano em Madrid, Paris e Berlim. Foi mestre de música do príncipe D. Manuel. Publicou, além de obras musicais, os livros *De Música* (1923) e

Breviário do Músico (1928). Colaborou na revista *Atlântida* (1915-1920). Irmão do artista Jorge Colaço.

Carlos Corado. Carlos Celestino Corado (?-?). Bacharel em letras. Em 1911 era funcionário do parlamento, na categoria de 2.º conservador da biblioteca, passando mais tarde a 1.º oficial da secretaria do Congresso da República. Manteve-se nessa categoria na Assembleia Nacional (1935), onde trabalhou até, pelo menos, 1941. Amigo de Pessoa e seu condiscípulo no Curso Superior de Letras, é várias vezes citado nos diários de 1906 e de 1913. Freqüentador da tertúlia da Brasileira. Pessoa dedicou-lhe o poema “Em Busca da Beleza”, de Fevereiro de 1909 (16-13^r).

A. T. Rebello. Armando Teixeira Rebelo (1883-1972). Foi colega de Pessoa no Curso Superior de Letras em 1905-1907. Também passou parte da juventude na África do Sul, tendo sido educado em Pretória. Em 1923 trabalhava no Banco do Minho, na Rua do Ouro, em Lisboa. Fernando Pessoa era padrinho da sua filha, Signa Teixeira Rebello. Em Setembro de 1933, Pessoa intercedeu por carta junto de António Ferro, recém-designado director do Secretariado de Propaganda Nacional, no sentido de obter uma colocação para Armando Teixeira Rebelo, que Pessoa descreve como seu “velho amigo e compadre” e proficiente “conhecedor e redactor de inglês e de francês e entendedor de alemão” (PESSOA, 1996: 136-137).

F. L. Vieira de Almeida. Francisco Lopes Vieira de Almeida (1888-1962). Filósofo, escritor e professor. Concluiu o Curso Superior de Letras de Lisboa, onde terá sido colega de Fernando Pessoa. Lecionou na Faculdade de Letras de Lisboa desde 1915, primeiro na área de história e, a partir de 1921, na de filosofia, ascendendo a catedrático em 1930. Foi director da secção de filosofia (1936-1940). É tido como o introdutor da moderna lógica matemática em Portugal. Monárquico próximo do Integralismo Lusitano, ligar-se-ia mais tarde ao grupo da *Seara Nova* e, por fim, aos meios oposicionistas, chegando a ser preso juntamente com António Sérgio, Jaime Cortesão e Azevedo Gomes (1958). Foi um dos fundadores da revista *Homens Livres* (1923), com Reinaldo dos Santos, Afonso Lopes Vieira e António Sérgio. Publicou trabalhos de lógica, história e filosofia, mas também obras de poesia, romance e teatro, bem como diversas traduções.

Fortunato da Fonseca. Luís Fortunato da Fonseca (1859-1934), usava o pseudónimo Fausto de Azevedo. Médico, escritor e político republicano. Foi amigo de Fialho de Almeida. Exerceu medicina na Moita e foi médico dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Membro do Partido Republicano, foi presidente da Câmara da Moita (eleito em 1908), deputado à Assembleia Constituinte e senador (1911, reeleito em 1915). Assíduo freqüentador da tertúlia da Brasileira. Pessoa menciona-o três vezes no diário de 1913, afirmando que era sempre interessante conversar com ele.

Augusto Gil. Augusto César Ferreira Gil (1873-1929). Poeta e funcionário público. Licenciado em direito por Coimbra, exerceu advocacia por breve período em Lisboa. Republicano, em 1918 foi sidonista. Trabalhou no Ministério da Instrução (1918) e foi director-geral das Belas Artes a partir de 1919. Foi um dos poetas mais populares do seu tempo, sendo considerado um neo-romântico de imaginação simbolista e veia satírica. No espólio de Fernando Pessoa encontra-se o texto, plausivelmente escrito por este, de uma representação de “escritores, artistas e amadores de arte” dirigido ao ministro da Instrução Pública (114²-89^r), pedindo a demissão, por “incompetência” e “incúria”, do director-geral das Belas Artes (a representação é talvez de Agosto de 1926, após em Maio-Junho a revista *Contemporânea* ter também exigido a sua demissão). Em carta a José Pacheco de 17 de Agosto de 1926, Pessoa envia-lhe “quatro novos exemplares da representação”, dizendo não assiná-la “pois não assino nada em conjunção, cooperação e colaboração com outrem” (PESSOA, 1999: 118). Os seus principais livros de poesia são *Musa Cérula* (1894), *Versos* (1898), *Luar de Janeiro* (1909), *O Canto da Cigarra – Sátira às Mulheres* (1910), *Sombra de Fumo* (1915), *Alba Plena* (1916), *O Craveiro da Janela* (1920), *Avena Rústica* (1927) e *Rosas desta Manhã* (1930). Na biblioteca particular de Pessoa há exemplares de *Alba Plena* (2.^a ed., 1920) e de *O Craveiro da Janela*.

Magalhães Collaço. João Maria Telo de Magalhães Colaço (1893-1931). Jurista, assistente da Faculdade de Direito de Coimbra (de que é provisoriamente afastado pelo governo, em 1919, juntamente com Domingos Fezas Vital, António Carneiro Pacheco, António de Oliveira Salazar e Manuel Gonçalves Cerejeira) e, a partir de 1921, professor da Faculdade de Direito de Lisboa. Constitucionalista e especialista de direito administrativo, sócio da Academia de Ciências desde Janeiro de 1923. Monárquico e maçom. Publicou *Da Vida Pública Portuguesa*, t. I (1925) e t. II (1926).

Ruy Ulrich. Rui Enes Ulrich (1883-1966). Jurista, professor, administrador de empresas, banqueiro e diplomata. Foi professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra até à república, pedindo então a sua exoneração. Mais tarde foi catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa e seu director desde 1937. Director do Banco de Portugal (1914-1927). Administrador de diversas empresas de caminhos de ferro, comerciais e financeiras e presidente do conselho de administração da Companhia de Moçambique (1920-1933). Monárquico, ligado à fundação do Integralismo Lusitano, foi eleito deputado por Lisboa pelas listas monárquicas em 1921. Apoiou o golpe militar de 28 de Maio de 1926, a Ditadura Militar e a criação do Estado Novo. Procurador à Câmara Corporativa a partir de 1935. Autor de obras de temas coloniais (política, economia e administração).

Garcia Pulido. Domingos Garcia Pulido (1892-1973). Advogado, escritor, poeta, professor, mais tarde administrador de empresas e político do Estado Novo. Amigo de juventude de Fernando Pessoa, que se lhe refere no seu diário de 1913, dando conta do projecto de lançamento, pelos dois, de um “panfleto semanal”, intitulado *Jogo Franco*, com “um comum ponto de vista – republicano, anti-afonsista, anti-socialista” (20-30^r). Concluiu direito em Coimbra em 1916, mudando-se então para Beja, onde exerceu advocacia e foi professor liceal. Republicano conservador, aproximar-se-ia depois do Integralismo Lusitano. Foi eleito deputado em 1918, no período sidonista, pelo Partido Nacional Republicano, no círculo de Beja. Apoiou a Ditadura Militar, colaborou nos trabalhos preparatórios da Constituição de 1933 e, em 1934, foi eleito deputado à Assembleia Nacional. Em 1931, foi o primeiro director do jornal da União Nacional, o *Diário da Manhã*, cargo que abandonou em Setembro desse ano. Foi também administrador da Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária do jornal *O Século*. Publicou *Rompendo Fogo... A Renascença e o Inquérito* (1912) e os livros de poesia *Nos Braços da Cruz* (1914) e *Fogo Sagrado* (1923), todos oferecidos a Fernando Pessoa com dedicatórias.

Magalhães Lima. Sebastião de Magalhães Lima (1851-1928). Advogado, jornalista, escritor e político. Membro do directório do Partido Republicano sob a monarquia. Foi deputado e ministro da Instrução durante a república. Suspeito de mandante ou cúmplice do assassinato de Sidónio Pais, acusação que nunca foi provada. Fundou o jornal *O Século* (1881) e foi grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (1907-1928). Era irmão de Jaime Magalhães Lima (1859-1936), poeta, ensaísta e crítico literário.

Illydio Perfeito (1883-1935). Poeta e jornalista. Publicou *Estrelas Mortas* (1908). Dirigiu *O Imparcial* (Moura), em 1919, e *Revista: Literatura, Arte, Modas, Publicidade*, em 1925-1927. Amigo de Pessoa, a quem convidou, em 1913, para fazer a crítica literária num jornal que projectava (PESSOA, 2003: 108 e 120).

Carlos Malheiro Dias (1875-1941). Jornalista, escritor, romancista, historiador e político. Aos 20 anos, emigrado no Brasil, publicou o romance naturalista e melodramático *A Mulata* (1896), que causou escândalo e reacções políticas pelas suas descrições do vício e do submundo carioca, fazendo-o decidir pelo regresso a Portugal. Concluiu então o Curso Superior de Letras e envolveu-se na política no quadro do Partido Regenerador, fazendo carreira como deputado (1897-1910). Foi director literário da *Ilustração Portuguesa* entre 1906 e 1912. Muito crítico da república, exilou-se no Brasil em 1913, tendendo depois para posições nacionalistas reaccionárias, próximas das ideias da Action Française e do Integralismo Lusitano. No Brasil, fundou a revista *Cruzeiro*. Publicou, além de vários romances, dramas e

ensaios históricos e políticos, uma *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (3 vols., 1921-1924). Mantendo uma assídua relação com Portugal, foi membro activo da Cruzada Nun'Álvares a partir de 1925.

Alfredo Guisado. Alfredo Pedro Guisado (1891-1975), também usou o pseudónimo Pedro Meneses. Poeta modernista e jornalista português de ascendência galega. Formou-se em direito, mas não exerceu advocacia. A sua família era proprietária do restaurante Irmão Unidos, no Rossio, frequentado por Fernando Pessoa e outros intelectuais. Foi colaborador do *Orpheu* e de outras revistas do modernismo. Republicano. Em 1915 distanciou-se de Pessoa por razões políticas, na sequência da carta de Álvaro de Campos ao jornal *A Capital* regozijando-se pelo grave acidente de Afonso Costa. Eleito deputado em 1925, foi também governador civil substituto de Lisboa e vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa. Foi subdirector do diário *República* e publicou vários livros de poesia, dos quais cinco, com dedicatórias, oferecidos a Fernando Pessoa: *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913), *Distância* (1914), *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917) e *Ânfora* (1918).

Alexandre Ferreira (1877-1950). Profissional de seguros e político. Impulsionador do mutualismo, da educação popular e da assistência social. Em 1922 organizou o Congresso Nacional da Educação Popular. Republicano, seguidor de António José de Almeida. Foi eleito deputado em 1925 pelo Partido Evolucionista. Foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Fundou a Universidade Livre e os Inválidos do Comércio e presidiu a numerosas instituições de carácter cultural, desportivo e assistencial. Dirigiu a Companhia Aliança Seguradora. Iniciado na maçonaria em 1905.

Alcântara Carreira. Manuel Carlos de Alcântara Carreira (1876-1928). Jornalista e poeta que viveu entre Portugal e o Brasil. Livre-pensador e anticlerical. Publicou os livros de versos *Livro da Alma* (1898), *Doida Juventude*, *Deixando a Pátria*, *Pecadora*, *Milagre d' Amor* e *D'Aquem e d'Alem-Mar*.

Mário Saa. Mário Pais da Cunha e Sá (1893-1971). Proprietário, escritor e arqueólogo. Estudou engenharia, matemática e, com 37 anos, matriculou-se em medicina, sem contudo concluir qualquer curso. Colaborou nas revistas *Contemporânea*, *Athena*, *Presença* e *Sudoeste*. Privou com os poetas modernistas, nomeadamente Fernando Pessoa, a quem se referiu no seu livro *A Invasão dos Judeus* (1925). Sobre o caso da apreensão pelas autoridades, em 1923, de livros considerados imorais, publicou "António Botto – O espiritualista da matéria – Em desagravo do insulto que o Poeta sofreu quando da apreensão brutal do seu livro *Canções*", em posfácio ao livro *Curiosidades Estéticas* de António Botto (1924). Desse

texto de Mário Saa existe no espólio de Fernando Pessoa uma cópia dactilografada com um subtítulo diferente do que foi publicado (113P¹-67).

Leite de Vasconcellos. José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo (1858-1941). Médico, filólogo, arqueólogo, etnógrafo e professor. cursou ciências naturais (1881) e medicina (1886) e doutorou-se em filologia românica na Universidade de Paris (1901). Conservador da Biblioteca Nacional desde 1887. Lecionou numismática e filologia portuguesa na Biblioteca Nacional e língua e literatura francesas, arqueologia e epigrafia na Faculdade de Letras de Lisboa (a partir de 1911). Fundador da *Revista Lusitana* (1887) e de *O Arqueólogo Português* (1895), órgão do Museu Etnológico, também por ele fundado. Publicou vasta obra, com destaque para *Religiões da Lusitânia* (1897-1913), *Antroponímia Portuguesa* (1928), *Opúsculos* (a partir de 1928) e *Etnografia Portuguesa* (a partir de 1933).

Coelho de Carvalho. Joaquim José Coelho de Carvalho (1852-1934). Jurista, diplomata, escritor, dramaturgo e tradutor de obras literárias (a *Eneida*, o *Cântico dos Cânticos*, etc.). Republicano. Foi reitor da Universidade de Coimbra (1919) e presidente da Academia de Ciências. Em 1922 era cônsul em Huelva. Colaborou na revista *Contemporânea*. Autor de *Viagens de Coelho de Carvalho. Madrid, Barcelona, Nice, Mônaco. Cartas e notas destinadas a Cesário Verde em 1884* (Lisboa, 1888) e *Máscaras Abaixo...* (Lisboa, 1931), este último livro existente na biblioteca de Fernando Pessoa. Chegou a convidar Pessoa para traduzir o *Fausto* (referência no diário de 1913).

Leonardo Coimbra. Leonardo José Coimbra (1883-1936). Filósofo, professor liceal e universitário e político. Anarquista e republicano na juventude, foi cofundador com Jaime Cortesão da revista *Nova Silva*, de orientação anarquista. Concluído o Curso Superior de Letras de Lisboa em 1911, foi professor liceal até 1919. Foi um dos mentores do movimento Renascença Portuguesa. Dirigiu a Faculdade de Letras do Porto, onde também lecionou (1919-1931). Foi deputado pelo Partido Democrático (1919-1925) e duas vezes nomeado ministro da Instrução (1919 e 1922), a segunda das quais acumulando com a pasta do Trabalho. Defendeu a liberdade do ensino religioso nas escolas particulares, o que lhe criou conflitos no governo, levando à sua demissão em Janeiro de 1923. Candidatou-se a deputado pelo Porto na lista da Esquerda Democrática em 1925, mas foi derrotado. Abandonou a política activa depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926, mas evoluiu para posições conservadoras. Foi maçom (irradiado em 1930). Converteu-se ao catolicismo em fins de 1935, morrendo uma semana depois. Publicou *O Criacionismo* (1912), de que ofereceu um exemplar dedicado a Fernando Pessoa, *Pensamento Criacionista* (1915) e várias outras obras filosóficas.

Hernani Cidade. Hernâni António Cidade (1887-1975). Professor, ensaísta, crítico literário e historiador. Depois de estudar no Seminário de Évora, declinou o convite para prosseguir estudos superiores na Universidade Gregoriana de Roma. Frequentou o Curso Superior de Letras de Lisboa, iniciando a sua actividade como professor liceal. Foi professor de filologia românica (em que se doutorou), história da literatura portuguesa e outras disciplinas na Faculdade de Letras do Porto (1919-1930) e na de Lisboa (1931-1957). Colaborador das revistas *A Águia* e *Seara Nova*. Codirigiu, com Joaquim de Carvalho e Mário de Azevedo Gomes, o *Diário Liberal* (1934-35). Ameaçado, em 1935, de expulsão da Universidade de Lisboa por razões políticas, valeu-lhe a intercessão de Gustavo Cordeiro Ramos junto de Salazar, passando a dedicar-se exclusivamente à vida universitária. A sua extensa obra inicia-se na década de 1920 com a publicação de duas conferências sobre temas camonianos e o livro *Ensaio sobre a Crise Mental do Século XVIII* (1929).

Eugenio de Castro. Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944). Poeta, autor dramático e professor. Concluiu o Curso Superior de Letras de Lisboa (1889), visitando depois Paris, onde sofreu influência dos poetas simbolistas. Foi adido da legação em Viena e professor do ensino secundário em Coimbra. Em 1916 foi-lhe atribuído o título de doutor pela Universidade de Coimbra. Foi conservador do Museu Nacional Machado de Castro (1913), professor da Faculdade de Letras (1914-1939) e da Escola Normal Superior (desde 1915) e director da Faculdade de Letras de Coimbra (1920-1924). Na juventude foi cofundador da revista *Os Insubmissos* (1889). Considerado o pioneiro da poesia simbolista em Portugal, cuja emergência é assinalada pela publicação do seu livro *Oaristos* (1890). Fundou com Manuel da Silva Gaio a efémera revista *A Arte*, que dirigiu (1895-1896). A libertação da linguagem poética fez dele um precursor do modernismo português e uma referência do *Orpheu*. Posteriormente a sua obra tendeu para o neoclassicismo, tornando-se, literariamente, um assumido “reaccionário”. Monárquico, apoiou o Estado Novo.

Teixeira de Pascoaes. Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (1877-1952). Poeta, escritor, ensaísta e pensador. Licenciado em direito (1901), exerceu a advocacia e a magistratura, que abandonou em 1913 para se dedicar à administração das suas propriedades e à actividade intelectual. Mentor da corrente estético-filosófica do saudosismo, de cunho lusitanista e messiânico. No quadro de uma renovação inspirada pela revolução republicana, mas reflectindo também uma certa desilusão com a república, foi cofundador da sociedade literária e movimento intelectual Renascença Portuguesa e director do seu órgão, a revista *A Águia*. O movimento do *Orpheu* nasceria da ruptura de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro com o saudosismo imperante na Renascença Portuguesa, tal como da ruptura com esta por parte de António Sérgio, Jaime Cortesão e Raul Proença nasceria depois a *Seara*

Nova. Para além das diferenças e discordâncias mútuas, manteve a relação de amizade com Pessoa, documentada pela oferta que lhe fez, ao longo dos anos, de uma dezena dos seus livros, com dedicatórias manifestando amizade e admiração. Publicou *Arte de Ser Português* (1915) e numerosos livros de poesia, prosa, ensaios, biografias, conferências e escritos memorialísticos. Fernando Pessoa considerava-o “um grande poeta com grandes defeitos”, que nisso se pareceria com Robert Browning (PESSOA, 2013a: 205-206).

Visconde de Villa-Moura. Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho Lobo (1877-1935). Poeta e romancista decadentista, crítico e ensaísta. Proprietário, cursou direito e foi deputado durante a monarquia pelo Partido Regenerador. Foi colaborador assíduo de *A Águia*. Publicou *A Vida Mental Portuguesa: Psicologia e Arte* (1908) e o romance *Nova Safo* (1912), que causou escândalo pelas referências à homossexualidade feminina e masculina. Desta obra bem como de *Camilo Inédito* (1913), ofereceu a Fernando Pessoa exemplares com dedicatórias manifestando amizade e admiração.

Ayres de Ornellas. Aires de Ornelas e Vasconcelos (1866-1930). Militar, escritor e político monárquico. Foi governador de Moçambique e ministro da Marinha do governo de João Franco. Após a instauração da república, foi lugar-tenente do rei exilado. Envolveu-se em várias tentativas restauracionistas, pelo que chegou a ser preso. Foi eleito deputado por duas vezes durante a 1.^a República (1918 e 1922). Publicou *As Doutrinas Políticas de Charles Maurras* (1914) e vários livros sobre as campanhas militares em África.

D. Luiz de Castro. Luís Filipe de Castro (1868-1928), 2.^o conde de Nova Goa. Engenheiro agrónomo, professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, escritor e jornalista. Político monárquico, foi ministro das Obras Públicas (1908-1909), deputado às Cortes e vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Expulso do Instituto Superior de Agronomia em 1913 por envolvimento em actividades conspirativas, seria reintegrado em 1917. Muito activo no movimento associativo agrícola. Colaborou em numerosas revistas de agricultura e na imprensa diária.

Armando Côrtes-Rodrigues. Armando César Côrtes-Rodrigues (1891-1971). Poeta de um “modernismo moderado”, contista, dramaturgo e etnógrafo açoriano. Licenciado em Filologia Românica em Lisboa (1910-1915), foi mais tarde professor liceal nos Açores. Colaborou em *A Águia*, no *Orpheu* (assinando também com o pseudónimo Violante de Cysneiros) e em várias outras revistas. Amigo próximo de Fernando Pessoa, com quem manteve assídua correspondência, mais irregular após o seu regresso aos Açores (1917). Evoluiu então para uma poética de pendor católico, que Pessoa lamentou. Publicou obras de poesia, teatro e etnografia,

organizando ainda o *Cancioneiro Geral dos Açores* e o *Adagiário Popular Açoriano*, publicados postumamente.

Gago Coutinho. Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959). Oficial da Armada, geógrafo, matemático, historiador e pioneiro da aviação. Em 1922 realizou com Sacadura Cabral a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, entre Lisboa e o Rio de Janeiro.

Saccadura. Artur de Sacadura Freire Cabral Júnior (1881-1924), conhecido por Sacadura Cabral. Oficial da Armada e pioneiro da aviação. Realizou, com Gago Coutinho, a primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Desapareceria em 1924 num desastre de aviação no Mar do Norte.

Francisco Gomes Teixeira (1851-1933). Matemático. Foi deputado pelo Partido Regenerador durante a monarquia. Professor da Universidade de Coimbra e da Academia Politécnica do Porto. Na república, foi o primeiro reitor da Universidade do Porto, nomeado em 1911.

48D-61

Apresente d'Carpa - R. Botocim, 21, 1/2

1. Anselmo Costa - Povo Cameris, 45. ap ✓
3. ~~Alfredo Costa - R. Botocim, 21, 1/2~~
2. Joaquim Costa - Hotel Frankfurt, R. Botocim, 21, 1/2 ✓
4. Ramon Costa - ~~WV~~
5. João Costa - ~~Mus.~~

~~Alfredo Costa~~

6. Amílcar Costa - Rua, 50, 1/2 3, ✓
7. Sr. José Luiz S. Costa - P. Botocim 109, 1/2 ✓

Henrique Mendes Costa ✓

8. Barbara Lourenço, Rua Friburgo, Mang., M.C.
9. Homero Costa, Avenida ✓

José Manuel Camacho ✓
 Alfredo Costa ✓
 "Nacy Portogal"
 João Costa ✓
 Sr. de Barros ✓
 Elvino de Menezes (Costa) ✓
 Augusto Costa ✓
 Sr. Paulo Costa ✓
 Arlindo Costa ✓

10/5/1923.

A. Tendo 1. Costa ✓
 Sr. Moreira ✓
 Carlos Amaral ✓




Fig. 2a. BNP/E3, 48D-61r.

[

 Gomes

 Aguiar

 v. l. 175
]

~~Com o Sr. ...~~

~~...~~

Com o Sr. ...

 Botelho ...

 Carlos ...

 ...

 ...

 ...

 ...

Augusto ... ✓

 Mayalhas ... ✓

 Raposo de Mayalhas ✓✓

 ...

 Leonardo ... ✓✓

Fig. 2b. BNP/E3, 48D-61r.

Agostinho de Campos. Agostinho Celso Azevedo de Campos (1870-1944). Bacharel em direito, professor, pedagogo, jornalista e escritor. Deixou cedo a advocacia e ensinou língua e cultura portuguesas em Hamburgo (1893-1894). Monárquico. Foi director-geral da Instrução Pública de 1906 a 1910. Colaborou em jornais e publicou várias obras sobre temas pedagógicos, literários, linguísticos e políticos. Em 1921 publicou *Paladinos da Linguagem* e, em 1923, as obras *Latinos e Germanos* e *Camões Lírico*. Crítico do modernismo, elogiaria em 1935 a *Mensagem* de Fernando Pessoa.

Sousa Costa. Alberto Mário de Sousa Costa (1879-1961). Escritor, jornalista. Bacharel em direito, foi secretário da Tutoria Central da Infância de Lisboa (por ele criada no Ministério da Justiça em 1911) e, depois, do Tribunal do Comércio. Publicou vasta obra literária como contista, romancista, cronista e dramaturgo e deixou colaboração em revistas como *Serões*, *Ilustração Portuguesa* e *Atlântida*.

Duarte Roriz (?-?). Advogado (?), ligado à Casa Bancária Borges & Irmão.

Gonçalves Cotta. José Gonçalves Cotta (?-?). Advogado em Lisboa nas décadas de 1910-1920. Em Moçambique viveu nas décadas seguintes um advogado e jurista com o mesmo nome, que chefiou a Missão Etnográfica de Moçambique e ali publicou o livro *Mitologia e Direito Consuetudinário dos Indígenas de Moçambique* (1944), o *Projecto Definitivo do Estatuto do Direito Privado dos Indígenas da Colónia de Moçambique* (1946) e o *Projecto Definitivo do Código Penal dos Indígenas da Colónia de Moçambique* (1946).

Ramada Curto. Amílcar da Silva Ramada Curto (1886-1961). Advogado, político, jornalista, dramaturgo e tradutor. Um dos líderes da greve estudantil de 1907. Como advogado, interveio em alguns processos-crime célebres. Foi republicano e membro da Carbonária sob a monarquia. Durante a 1.^a República, foi deputado pelo Partido Republicano e, depois, pelo Partido Socialista Português, partido que liderou a partir de 1920. Foi ministro das Finanças e do Trabalho (1919 e 1920). Foi maçom desde 1903 e presidente do Conselho da Ordem (Grande Oriente Lusitano) nos anos 30. Colaborou em vários jornais, como o *Diário de Lisboa* e o *Jornal de Notícias*. Autor de vasta obra dramática de cunho realista-naturalista, visando a crítica dos costumes, inspirada na sua actividade forense.

Francisco Fernandes Lopes (1884-1969). Médico, professor liceal, músico e homem de cultura. Concluiu medicina em 1911 e doutorou-se em 1916 com uma tese sobre *Drogas e Farmacopeia*. Optou por viver no Algarve, recusando convites para a docência universitária. Compôs obras para piano e canto, bem como duas óperas. Estudioso multifacetado, publicou vasta obra sobre música, história, filosofia,

literatura, arte, religião e política, sobretudo em jornais, revistas e enciclopédias. Republicano, agnóstico e liberal, dizia-se por vezes anarquista. Publicou “Contra a Epidemia do Integralismo Lusitano” (24 artigos no *Correio do Sul*, Faro, 1921-1922). Foi colaborador da *Seara Nova*. Fernando Pessoa que, como Almada Negreiros, era seu amigo e admirador, convidou-o em 1919 para colaborar com uma crítica da filosofia de Bergson numa projectada revista de cultura portuguesa destinada a leitores de língua francesa e inglesa (PESSOA, 1998: 272-280 e 284). Acompanhou em 1935 o funeral de Pessoa.

Annibal Soares. Aníbal de Andrade Soares (1882-1925). Bacharel em direito, jornalista e político. Monárquico. Chefe de redacção do *Diário Ilustrado*, onde iniciou a sua carreira jornalística. Defensor da ditadura de João Franco, exilou-se após a instauração da república e, ao regressar a Portugal, dirigiu em 1915 o jornal miguelista *O Nacional* e depois, com Aires de Ornelas, o *Diário Nacional*. Foi posteriormente director do *Correio da Manhã* (1921-1925). O jornal republicano *O Mundo* chamava-lhe em 1915 o “Dr. Minhoca” (alcunha alegadamente recebida em Coimbra), insinuando ironicamente ser ele o poeta Álvaro de Campos que escrevia para o *Orpheu*, “a revista poética do integralismo político” (por sua vez, *O Nacional* seria “o órgão político do integralismo poético”). Foi deputado monárquico sob o sidonismo. Publicou um romance: *Ambrósio das Mercês – Memórias* (1903).

José Lobo d’Avila Lima. José Caetano Lobo de Ávila da Silva Lima (1885-1956). Jurista, professor, político e diplomata. Lecionou na Faculdade de Direito de Coimbra (1910-1913 e 1918) e de Lisboa (1919-). Foi demitido da Universidade de Coimbra e preso por implicação na tentativa de golpe monárquico de Outubro de 1913. Foi eleito deputado monárquico em 1918. Foi dirigente da Cruzada Nun’Álvares. Foi administrador do Banco de Portugal. A partir de 1933, representou Portugal em vários países europeus, nomeadamente Itália (1935), onde elogiou o fascismo. Publicou várias obras sobre direito, questões sociais, financeiras e política internacional, nomeadamente: *Movimento Operário em Portugal* (1905), *Socorros Mútuos e Seguros Sociais* (1909), *Portugal e a Guerra das Nações* (1915), *Direito Internacional Público* (1924). Iniciado na maçonaria em 1911. Fernando Pessoa traduziu-lhe um artigo sobre economia e finanças internacionais para o *Financial Times* (137F-4^r a 10^o).

Henrique Trindade Coelho (1885-1934). Advogado em Lisboa, jornalista, político e diplomata. Filho do escritor Trindade Coelho. Republicano democrático na juventude, foi um dos “intransigentes” do movimento estudantil de 1907. Depois da instauração da república foi governador civil de Castelo Branco (1911-1912). Maçon iniciado em 1910, abandonou a maçonaria em 1920. Evoluiu para posições de extrema-direita, tendo sido um dos fundadores da Cruzada Nun’Álvares. Foi

director do jornal *O Século* (1924-1926). Apoiou o 28 de Maio e foi ministro de Portugal em Roma (1927), onde acabou por se tornar um “fascista convicto e ardente” (XAVIER, 1962: 288). Em 1929, durante a Ditadura Militar, assumiria a pasta dos Negócios Estrangeiros no governo do general Ivens Ferraz, mas pouco depois entrou em conflito com o chefe do governo e foi nomeado ministro de Portugal no Vaticano.

Barbosa Soeiro. Manuel Bernardo Barbosa Soeiro (1894-1974). Médico, antropólogo e investigador. Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Homem Christo. Francisco Manuel Homem Cristo (1860-1943). Militar, político republicano, jornalista, professor da Faculdade de Letras do Porto. Polemista político celebrizado pela sua violência verbal. Fundou e dirigiu o semanário *O Povo de Aveiro* (1882-1941). Pai do jornalista Francisco Manuel Homem Cristo (1892-1928), conhecido por Homem Cristo Filho, que dirigiu a revista *A Ideia Nacional* (1915-1916) e o jornal lisboeta *A Informação* (1926), em que Fernando Pessoa colaborou com o artigo “Régie, monopólio, liberdade” (31 de Julho e 1 de Agosto).

Fernando de Sousa. José Fernando de Sousa (1855-1942), usava o pseudónimo *Nemo*. Engenheiro, militar, administrador ferroviário, jornalista, propagandista católico, escritor e político. Seguiu a carreira militar, mas abandonou o Exército em 1900 por se recusar a um duelo de honra. Depois de passar pela Direcção-Geral dos Serviços Geodésicos (1880-1890), foi administrador dos Caminhos de Ferro do Estado (até 1911) e director da Companhia de Caminhos de Ferro do Vale do Vouga. Deputado às Cortes pelo Partido Nacionalista (1906) e senador da república (1925) pelo Centro Católico, de que foi dirigente até 1919. Monárquico legitimista e adversário intransigente da maçonaria, opunha-se à colaboração dos católicos com as instituições da 1.ª República. Foi vice-lugar-tenente do rei exilado. Dirigiu os jornais católicos e monárquicos *Correio Nacional* (1897-1906), *Portugal* (1907-1910) – ambos órgãos do Partido Nacionalista – e ainda *A Ordem* (1916-1919), *A Época* (1919-1927) e *A Voz* (1927-1942). Foi colaborador e director durante 30 anos da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Entre muitas outras obras, publicou *Guerra Junqueiro e Zola: Notas Críticas dum Jornalista Católico* (1922) e *Religião e Monarquia* (1923). Em Fevereiro de 1935, apoiou o projeto de lei que extinguiu a maçonaria e criticou no jornal *A Voz*, de que era director, o artigo “Associações Secretas”, que Fernando Pessoa publicara no *Diário de Lisboa* contra o dito projecto de lei.

J. A. Moreira de Almeida. José Augusto Moreira de Almeida (1869-1925). Jornalista e político. Concluiu o Curso Superior de Comércio. Foi director do jornal monárquico *O Dia*. Deputado às Cortes pelo Partido Progressista e, sob o sidonismo, pelos monárquicos. Publicou *Elementos do Direito Internacional Público*

(1892) e *A Separação do Estado e das Igrejas - Lei de 20 de Abril de 1911* (1911). Participou em várias revoltas monárquicas contra a república.

Carlos Amaro. Carlos Amaro de Miranda e Silva (1879-1946). Poeta, dramaturgo, jornalista, crítico de arte e político. Bacharel em direito (1906). Foi conservador do Registo Civil em Lisboa. Republicano e membro da Carbonária sob a monarquia, foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte (1911) e, depois, militante do Partido Unionista. Colaborou nos jornais *A República* (1908-1909), *A Pátria*, *A Luta* e *A Capital*. Amigo de Fernando Pessoa, a quem deu a conhecer a obra de Camilo Pessanha, então ainda inédita. Publicou, entre outras obras, *São João Subiu ao Trono: Grande Auto ou Mistério em Seis Quadros* (1927), que ofereceu a Pessoa.

João Barral Camacho (?-?). Médico. Trabalhou com Francisco Pulido Valente.

Alfredo Pimenta. Alfredo Augusto Lopes Pimenta (1882-1950). Historiador e investigador medievalista, escritor, polemista e político. Bacharel em direito, foi professor liceal (1911-1913) e funcionário (1913), conservador (1931) e director (1949) da Torre do Tombo, bem como director do Arquivo Municipal de Guimarães (1931). Anarquista na juventude, tornou-se republicano moderado, próximo do Partido Evolucionista, colaborando no jornal *República*. Após a revolução republicana de 14 de Maio de 1915, tornar-se-ia monárquico próximo do Integralismo Lusitano. Foi eleito deputado monárquico sob o sidonismo. Rompendo com o Integralismo, foi cofundador, em 1923, da Acção Realista Portuguesa, ano em que publicou *As Bases da Monarquia Futura*. Foi simpatizante dos regimes autoritários, especialmente do fascismo italiano, e apoiante de Salazar, apesar das diferenças relativamente à questão monárquica. Fernando Pessoa sempre nutriu por ele uma profunda antipatia e troçava da sua erudição livresca. Em Fevereiro de 1935, Pimenta atacou no jornal *A Voz* o artigo “Associações Secretas” de Fernando Pessoa, insinuando que esta seria apenas um “génio na atmosfera viciada dos botequins”. Pessoa respondeu-lhe num texto violento, que deixou inédito, “Barril de Lixo” (129-80^r e 81^r).

Julio Dantas (1876-1962). Escritor, dramaturgo, jornalista e político. Licenciado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1900), começou por ser médico militar. Abandonando o Exército, foi inspector das bibliotecas eruditas e arquivos (1912-1946), professor e director da secção dramática do Conservatório (1912-1930) e director do Conservatório (1930-1935). Foi deputado às Cortes na monarquia pelo Partido Progressista (1905-1906), senador sob o sidonismo e dirigente do Partido Republicano Nacionalista (1923), pelo qual também foi senador. Foi ministro da Instrução (1921-1922) e dos Negócios Estrangeiros (1923) e várias vezes presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Fernando Pessoa desprezava-o como escritor,

dizendo em 1913, numa carta a Sá-Carneiro, que em França “os Júlios Dantas estão por detrás dos balcões das lojas de retroseiros”. Os poetas do *Orpheu* foram ridicularizados por Dantas em “Poetas paranóicos” (*Ilustração Portuguesa*, 19 de Abril de 1915). Após a estreia da sua peça “Soror Mariana”, em 21 de Outubro de 1915, Dantas foi alvo do *Manifesto Anti-Dantas* de Almada Negreiros, publicado em 1916. No drama *Os Crucificados* (1902), Dantas abordou pela primeira vez no teatro português a temática da homossexualidade. A sua obra literária gozou de grande popularidade em Portugal e era estimada também em Espanha e no Brasil. Em 1923, confrontou-se numa livraria com os estudantes católicos que percorriam a Baixa de Lisboa em busca de livros “ímorais”.

João de Barros (1881-1960). Escritor, poeta, pedagogo, alto funcionário e político da 1.ª República. Bacharel em direito, dedicou-se às letras, à pedagogia e à promoção da política republicana de instrução pública. Começando como professor liceal (Coimbra, Lisboa e Porto), foi sob a república director do ensino primário e secundário e, a partir de 1915, secretário-geral do Ministério de Instrução Pública. Iniciado na maçonaria em 1910. Foi deputado pelo Partido Republicano (passando em 1924 para a Esquerda Democrática) e ministro dos Negócios Estrangeiros (1924-1925). Membro da Academia de Ciências de Lisboa (1913). Em 1915, fundou, juntamente com João do Rio, a revista luso-brasileira *Atlântida*. Publicou vasta obra literária e ensaios sobre a reforma da instrução pública e a escola republicana. Fernando Pessoa publicou em 1913 em *Teatro - Jornal d'Arte* (ano I, n.º 2, 29 de Novembro) o texto “Algumas considerações sobre a obra do Sr. João de Barros”, com opiniões depreciativas sobre o visado. Durante a Grande Guerra, Pessoa redigiu um longo texto, que não chegou a completar, de crítica a um artigo de João de Barros, publicado em *O Mundo* de 10 de Julho de 1915, que apelava aos intelectuais portugueses para se solidarizarem espiritualmente com os aliados, especialmente com a França. O simultaneamente anglófilo e germanófilo Fernando Pessoa, partidário da neutralidade, discordava do apelo de Barros e expunha as razões de uma necessária “solidariedade espiritual” com a Alemanha (BARRETO, 2014). Assinale-se que João de Barros e Fernando Pessoa tinham uma posição semelhante quanto à necessidade de laicização do ensino.

Elycio de Moura. Elísio de Azevedo e Moura (1877-1977). Médico, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina de Coimbra. Iniciou em Portugal o ensino de neurologia. Foi médico, em Coimbra, de Manuel Gonçalves Cerejeira (futuro patriarca de Lisboa) e de Salazar.

Augusto de Castro. Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (1883-1971). Advogado, jornalista, dramaturgo, escritor, político e diplomata. Dirigiu, no Porto, o diário *A Província* e foi, em Lisboa, redactor principal do *Jornal do Comércio* e

cronista de *O Século*. Deputado durante a monarquia pelo Partido Progressista. Esteve ligado ao teatro, como professor do Conservatório e como autor de comédias ligeiras (*Amor à Antiga*, *Chá das Cinco*, *As Nossas Amantes*) e dramas psicológicos (*Caminho perdido*, *Vertigem*, *A Culpa*). Foi director do *Diário de Notícias* entre 1919 e 1924, ano a partir do qual exerceu vários cargos diplomáticos na Europa, voltando mais tarde à direcção do jornal. Foi comissário-geral da Exposição do Mundo Português de 1940. Com os seus amigos Júlio Dantas, Alfredo da Cunha, Henrique Lopes de Mendonça e Carlos Malheiro Dias, foi, como escritor, uma típica figura da classe de literatos designados “lepidópteros” pelos homens do *Orpheu*.

José Rangel de Lima (?-?). Redactor do *Diário de Notícias* nas primeiras décadas do século XX e redactor principal a partir de 1924, sucedendo a Brito Aranha.

Avelino de Almeida. Avelino de Almeida Pereira (1873-1932). Jornalista, tradutor e crítico de teatro. Frequentou o seminário de Santarém e iniciou-se no jornalismo como colaborador de *A Aurora* (Sintra, 1891). Foi depois administrador e colaborador do diário católico *Correio Nacional*. Entrando em conflito com os dirigentes católicos, tornou-se um violento anticlerical e fundou o semanário *A Lanterna – Opúsculo Semanal de Inquérito à Vida Religiosa e Eclesiástica Portuguesa* (1909-1910). Foi chefe de redacção do jornal republicano camachista *A Luta* e colaborador do diário democrático *Educação Nacional* (1911), passando depois para *O Século*. Em 1914 tornou-se um dos sócios da Sociedade Nacional de Tipografia, coproprietária, com Silva Graça, do jornal *O Século*. Fundou e dirigiu (1928-1932) a revista *O Cinéfilo*, suplemento semanal do *Século*. Traduziu numerosas peças de teatro, foi presidente da Associação da Crítica e envolveu-se numa polémica com António Ferro a propósito do “Teatro Novo” (1925). Celebrizou-se muito especialmente pelos seus relatos do alegado “milagre do sol” presenciado em Fátima a 13 de Outubro de 1917, publicados com grande destaque no *Século* (15 de Outubro) e na *Ilustração Portuguesa* (29 de Outubro). Os meios católicos quiseram ver nesses relatos uma prova do carácter sobrenatural do sucedido. O seu testemunho presencial seria “insuspeito”, porque vindo de um jornalista descrente e de um jornal com fama de maçónico e anticlerical.

Raposo de Magalhães. João Emídio Raposo de Magalhães (1884-1961). Licenciado em filosofia (1906) e medicina (1908), professor de patologia cirúrgica da Faculdade de Medicina de Coimbra (até 1917) e de Lisboa. Em 1923 foi nomeado, com Francisco Gentil, Marck Athias e outros, para a direcção do Instituto Português para o Estudo do Cancro, no Hospital de Santa Marta. Republicano e democrata.

Raul Proença. Raul Sangreman Proença (1884-1941). Escritor, jornalista, bibliotecário, ensaísta e pensador político. Cursou Ciências Económicas e Financeiras. Foi funcionário da Biblioteca Nacional a partir de 1911, colaborando com Jaime Cortesão quando este foi director (a partir de 1919) e animando o chamado “Grupo da Biblioteca”, que além deles incluía Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Afonso Lopes Vieira, Gualdino Gomes, Reinaldo dos Santos, Raul Lino e José de Figueiredo, entre outros. Integrou a Renascença Portuguesa e o grupo fundador da *Seara Nova* (1921), em que deixou abundante colaboração, sobretudo de polémica política. João Chagas chamou-lhe “a pena da república”. Republicano e socialista democrático, crítico da União Soviética e lutador antifascista, combateu o sidonismo e a Ditadura Militar. Tendo sido demitido do lugar de chefe dos serviços técnicos da Biblioteca Nacional e passado à clandestinidade em 1926, exilou-se em Paris em 1927. Regressou a Portugal em 1932, sendo internado no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto, onde morreu. Colaborou também em *Alma Nacional*, *A Águia* e *A Vida Portuguesa*. Iniciou a publicação do *Guia de Portugal*, de que foi organizador e principal autor do primeiro volume (1924). Os seus escritos políticos foram reunidos em vários volumes pela editora Seara Nova.

Gualdino. Gualdino Gomes (1857-1948). Homem de letras, era amigo de Fialho de Almeida, Oliveira Martins (com quem trabalhou no *Repórter*), Marcelino Mesquita, Fortunato da Fonseca, Teixeira Gomes, Raul Proença, Aquilino Ribeiro e outros. Foi bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde integrou o chamado “Grupo da Biblioteca”. Próximo do grupo de fundadores da *Seara Nova* e frequentador das tertúlias literárias dos cafés do Chiado e da Baixa, chamavam-lhe “pontífice de café”. Tal como Fernando Pessoa, frequentou a tertúlia do Café Montanha nos anos 20-30. Não se considerava um escritor e deixou uma obra bastante exígua. Publicou o periódico maledicente *Balas de Papel* (1891-1892), muito crítico de Eça de Queirós, de que só saíram quatro números. Israel Anahory publicou sobre ele o opúsculo *Gualdino Gomes* (Seara Nova, 1951).

Aquilino. Aquilino Gomes Ribeiro (1885-1963), conhecido por Aquilino Ribeiro. Romancista e contista. Foi revolucionário republicano e democrata. Membro do “Grupo da Biblioteca” e do subsequente grupo fundador da *Seara Nova*. Como romancista, era apreciado e respeitado em vários quadrantes políticos. Numa entrevista de 1923 tomou posição contra a censura de livros e peças de teatro consideradas imorais pelas autoridades (“A moral no teatro. O que diz o escritor Aquilino Ribeiro”, *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1923, p. 4). Nessa altura foi signatário, tal como Fernando Pessoa, de um protesto de 50 intelectuais pela proibição da representação da peça *Mar Alto*, de António Ferro.

J. Cortezão. Jaime Zuzarte Cortezão (1884-1960), conhecido como Jaime Cortezão. Médico, poeta, contista, ensaísta, historiador e político. Estudou direito e medicina em Coimbra e, depois, medicina no Porto, concluindo o curso em Lisboa em 1910. Tomou parte activa na direcção da greve estudantil de 1907, aderindo ao Partido Republicano em 1908. Cofundador da Renascença Portuguesa e da revista *A Águia* (1910). Foi preso em 1910 e libertado após o 5 de Outubro. Praticou medicina até 1912 e, depois, foi professor liceal no Porto. Participou na revolta republicana de 14 de Maio de 1915 e foi deputado do Partido Democrático pelo Porto entre 1915 e 1917. Participou na Grande Guerra, alistando-se voluntariamente em Agosto de 1917 como capitão-médico do Corpo Expedicionário, sendo ferido e condecorado com a Grã-Cruz de Guerra. Foi preso durante o sidonismo. Exerceu o cargo de director da Biblioteca Nacional de 1919 até 1927, animando o “Grupo da Biblioteca”, de que saíria depois o núcleo fundador da revista *Seara Nova*. Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa em 1924. Em 1927 foi demitido da Biblioteca Nacional por ter participado na tentativa de derrube da Ditadura Militar (revolta de 3 de Fevereiro, no Porto). Viveu exilado em França (1927-1931), em Espanha (1931-1939) e, novamente, em França, até 1940. Regressado a Portugal, foi preso e banido do país, exilando-se no Brasil, de onde regressou a Portugal somente em 1957. Em 1958 foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e esteve novamente preso. Publicou vasta obra, incluindo poesia, conto, teatro, ensaio em diversas áreas temáticas, memórias e, sobretudo, historiografia, com relevo para os temas dos descobrimentos portugueses e da formação do Brasil. Da biblioteca particular de Fernando Pessoa constam duas obras suas de poesia, *A Morte da Águia* (1910) e *Esta História é para os Anjos* (1912, com dedicatória do autor), e uma colectânea de contos, *D’Aquém e d’Além Morte* (1913).

48D-62

10/5/1923

Agueda Nova - C. Mag. Sales, 44-49
 Aires - Luc. Cascaes, 5, 3:
 Aires - Largo do Beato, 19, 3-56
 Almeida - Rua do Mello, Duarte
 Amegasma - Av. Praia + 12
 Amalva - Ponte de S. Francisco, 7
 Ant. - Rua Nova + S. Ant. 33, 2:
 A. Ant. - R. L. M. de Saipa, 14.
 Ant. Nova - R. D. Stephania, 195.
 Ant. Nova - R. Cam. Felton, 23.
~~Ant.~~
 Valente - R. Thomy Ribis, 8, 20
 F. G. G. - Rua S. Domingos, 49
 A. B. - Av. Republica 102, 3-56
 S. D. - Av. Republica, 64, 13
 J. J. - Iruvi, 6, 2:
 S. L. - Luc. Cascaes, 15, 2:
 A. J. - Av. F. de A. - Rua de S. Ant. 21-12
 S. R. - Rua de S. Ant. 19.
 Albino Valente - Rua 47, 13

Ant. Nova
 Rua do Mello
 Largo do Beato
 Av. Praia
 Ponte de S. Francisco
 Rua Nova + S. Ant.
 R. L. M. de Saipa
 R. D. Stephania
 R. Cam. Felton
 R. Thomy Ribis
 Rua S. Domingos
 Av. Republica
 Av. Republica
 Iruvi
 Luc. Cascaes
 Av. F. de A. - Rua de S. Ant.
 Rua de S. Ant.
 Rua 47

REPUBLICA FEDERAL

Fig. 3a. BNP/E3, 48D-62.

~~Agência~~

Fern. a Maria - R. de S. Paulo, 115, 2º
 Amegni Panerri - Rua Flor, 82, 1º
 M. Potters - Av. Tan. P. de A. -
 Robert. Alves - R. de S. Paulo de Faria (c. p. p.)
 Carl. Sussman - R. Carlos, 60-1º ^{230, 2º} apt.
 All. Jones - R. S. Paul, 247, 1º
~~Agência~~
 Ant. A. Miranda - Av. Lb., 115, 2º
 L. S. Lopez - R. Pedro Nunes, 17, 1º
~~Agência~~
~~Agência~~
 De. C. de A. - R. B. Camargo, 192, 2º
 Carl. A. P. - Rua S. J. de A., 28, 1º
 D. M. S. - Av. Rep. 9, 3º
 Y. F. - Alca. Merc. 20, 2º 5º
 Comens. News - Av. Rep. 23, 4º
 2 papers - ~~Paralana~~
 11-20

Fig. 3b. BNP/E3, 48D-62.

Azevedo Neves. João Alberto Pereira de Azevedo Neves (1877-1955). Médico, professor, ensaísta e político. Leccionou medicina legal na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa (1911), de que foi director (1921-1925). Foi director (1911-1947) da Morgue de Lisboa, depois Instituto de Medicina Legal de Lisboa, de que foi fundador, e reitor da Universidade Técnica de Lisboa (1930). Monárquico, foi vereador da Câmara de Lisboa, deputado às Cortes pelo Partido Progressista e membro da Causa Monárquica. Ingressou na maçonaria após o 5 de Outubro. Foi secretário de Estado do Comércio nos governos de Sidónio Pais e Tamagnini Barbosa (1918-1919).

Marck Athias. Marck Anahory Athias (1875-1946). Médico e investigador em ciências biomédicas. De ascendência judaica, estudou em Paris. Miguel Bombarda nomeou-o director do Laboratório de Histologia do Hospital de Rilhafoles. Professor da Escola Médico-Cirúrgica e da Faculdade de Medicina de Lisboa. Fundador e primeiro director do Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina (1919). Em 1923 integrou a direcção do Instituto Português para o Estudo do Cancro, no Hospital de Santa Marta. Sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Publicou vasta obra científica. Renovador da medicina e da investigação em Portugal.

Adelino Padesca. Adelino da Costa Padesca (1887-1967). Médico de medicina interna e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Annibal Bettencourt. Aníbal de Bettencourt (1868-1930). Médico e investigador. Professor de bacteriologia e parasitologia da Faculdade de Medicina de Lisboa. Director, do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Foi um dos pioneiros do estudo das doenças infecciosas em Portugal. Utilizou a fotografia médica e foi o primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Fotografia.

Augusto Monjardino. Augusto de Almeida Monjardino (1871-1941). Médico-cirurgião dos hospitais civis de Lisboa. Professor da Escola Médico-Cirúrgica e da Faculdade de Medicina de Lisboa. Presidente da Sociedade de Ciências Médicas. Fundador e primeiro director da Maternidade Alfredo da Costa. Republicano. Deputado à Assembleia Constituinte de 1911, de que foi eleito vice-presidente, e senador da república. Reitor da Universidade de Lisboa (1928).

Augusto de Vasconcellos. Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia (1867-1951). Médico, professor catedrático da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, político e diplomata português. Republicano. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros (1911-13) e, acumulando essa pasta, presidente do ministério (1911-1912). Foi

seguidamente embaixador em Madrid (1914-1917) e Londres (1918-1919). Chefiou a delegação portuguesa à Conferência de Paz de Paris (1919), passando depois a trabalhar na Sociedade das Nações.

Celestino da Costa. Augusto Pires Celestino da Costa (1884-1956). Médico, professor, investigador e pedagogo. Lecionou histologia e embriologia na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa, de que foi director em 1935-1942. Foi presidente da Associação dos Médicos Portugueses (1920) e, nos anos 40, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Teve altos cargos durante o Estado Novo (Junta de Educação Nacional, Instituto para a Alta Cultura), mas em 1947 foi demitido da Universidade de Lisboa por motivos políticos, sendo reintegrado no mesmo ano.

Gama Pinto. Caetano António Cláudio Júlio Raimundo de Gama Pinto (1853-1945). Médico e professor. Lecionou oftalmologia e cirurgia ocular na Universidade de Heidelberg, no Instituto de Oftalmologia de Lisboa (por ele fundado em 1889 e que, mais tarde, viria a receber o seu nome) e, a partir de 1911, na Faculdade Medicina de Lisboa. Sócio da Academia de Ciências de Lisboa.

Bello Moraes. Carlos Belo de Moraes (1868-1933). Médico e professor. Lecionou clínica médica, fisiologia, patologia médica e histologia na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa, de que foi o primeiro director (1911). Foi director do Hospital de S. José e do Hospital de Santa Marta, enfermeiro-mor dos hospitais civis de Lisboa e director da revista *Medicina Contemporânea*, em que sucedeu a Miguel Bombarda. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Em 1915, foi um dos professores da Universidade de Lisboa que foram alvo dos epigramas do heterónimo pessoano António Gomes: “Oh Bello de immoraes!” (PESSOA, 2013b: 473).

Custodio Cabeça. Custódio Maria de Almeida Cabeça (1866-1936). Médico cirurgião e professor. Lecionou anatomia patológica, patologia cirúrgica e clínica cirúrgica na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Cirurgião dos hospitais civis de Lisboa. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

Pulido Valente. Francisco Pulido Valente (1884-1963). Médico e professor. Foi médico dos hospitais civis de Lisboa e lecionou psiquiatria (sob a direcção de Júlio de Matos), clínica médica, patologia médica e medicina interna na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi um opositor do Estado Novo e em 1948 seria, por esse motivo, afastado da Universidade de Lisboa.

Francisco Gentil. Francisco Soares Branco Gentil (1878-1964). Médico e professor. Director da Faculdade de Medicina de Lisboa (1915-1918) e do Hospital de S. José. Principal impulsionador do Instituto Português para o Estudo do Cancro, a cuja primeira comissão directiva pertenceu (1923), e que mais tarde se chamará Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil.

Henrique de Vilhena. Henrique Jardim de Vilhena (1879-1958). Médico, professor e escritor. Lecionou anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa e anatomia artística na Escola de Belas Artes de Lisboa. Fundou os arquivos de anatomia e antropologia do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina. Reitor da Universidade de Coimbra (1925-1926). Foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa, senador e presidente do senado municipal. Publicou estudos de anatomia, antropologia, história da ciência e biografias, além de romances e novelas. Iniciado na maçonaria.

Salazar de Souza. Jaime Ernesto Salazar de Eça e Sousa (1871-1940). Médico, cirurgião pediatra e professor. Foi catedrático da Escola Médico-Cirúrgica e da Faculdade de Medicina de Lisboa, em que lecionou pediatria, ortopedia e anatomia. Fundou a Escola de Pediatria de Lisboa, no Hospital de D. Estefânia, de que foi director.

J. Gentil. José Maria Branco Gentil (1870-1941). Médico e professor catedrático da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Irmão de Francisco Gentil. Em 1923 era director do Banco do Hospital de S. José.

Sobral Cid. José de Matos Sobral Cid (1877-1941). Médico, professor, psiquiatra e político. Lecionou patologia interna e medicina legal na Faculdade de Medicina de Coimbra e, a partir de 1911, psiquiatria forense na Faculdade de Medicina de Lisboa. Director da Faculdade de Medicina de Lisboa (1919). Subdirector (a partir de 1911) e director do Manicómio de Rilhafolles (1922), sucedendo a Júlio de Matos. Foi deputado às Cortes pelo Partido Regenerador (1901-1903) e governador civil de Coimbra (1903-1904). Aderiu à república e foi ministro da Instrução em governos de Bernardino Machado (1914). Em 1907 expôs as ideias de uma reforma da universidade, que tiveram parcial realização em 1911, e em 1914 elaborou propostas de lei de reforma dos ensinos primário e universitário, distanciando-se depois da política. Em 1925 voltou a avançar ideias de reforma da universidade. Fernando Pessoa (António Gomes) dedicou-lhe um epigrama em 1915 (PESSOA, 2013b: 472).

Moreira Junior. Manuel António Moreira Júnior (1866-1953). Médico cirurgião, obstetra, professor e político. Lecionou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em

que foi catedrático de obstetrícia. Afastado da Faculdade de Medicina de Lisboa após o 5 de Outubro de 1910, viria a ser seu director em 1931-1932. Foi cirurgião dos hospitais civis de Lisboa. Foi deputado às Cortes pelo Partido Progressista (1897-1910), destacando-se também pelo seu anti-republicanismo. Foi ministro da Marinha e Ultramar (1904-1906) e ministro das Obras Públicas (1909-1910). Nos anos 1940 foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa e da Sociedade de Geografia.

Silvio Rebello Alves (1879-1938). Médico, professor e investigador. Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e do Instituto de Hidrologia e investigador do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Fundador e presidente da Sociedade Portuguesa de Biologia e do Instituto de Farmacologia da FML.

Albino Valente (1871-1930). Médico dermatologista especialista em sífilis. Estudou em Viena e representou Portugal em vários congressos internacionais.

Bettencourt Raposo. Pedro António Bettencourt Raposo (1853-1937). Médico cirurgião e professor. Lecionou na escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde ao longo de 50 anos de actividade docente regeu as cadeiras de clínica médica, medicina legal, clínica cirúrgica, patologia interna, patologia geral, história e filosofia da medicina e deontologia. Foi secretário e bibliotecário da Faculdade de Medicina (1904-1929). Médico e cirurgião dos hospitais civis de Lisboa.

Ricardo Jorge. Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939). Médico epidemiologista, higienista e investigador. Lecionou nas Escolas Médico-Cirúrgicas do Porto e de Lisboa e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi inspector-geral de saúde pública e fundou o Instituto Central de Higiene, que passaria a ter o seu nome a partir de 1929. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Organizou a luta contra a pandemia de gripe de 1918. Teve larga influência nas políticas de saúde em Portugal. Teria sido o responsável nos anos 20 pela proibição da Coca-Cola em Portugal, depois de tomar conhecimento do *slogan* publicitário da bebida criado por Fernando Pessoa: “Primeiro estranha-se, depois entranha-se” (ALMEIDA, 1985: 49-52). Publicou também diversas obras sobre arte, literatura, história e política. Em *Passadas de Erradio* (1924), Ricardo Jorge relata com palavras elogiosas uma viagem à Itália fascista.

Luiz Cebola. José Luís Rodrigues Cebola (1876-1967). Médico neurologista e psiquiatra. Formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, doutorando-se com uma tese de tema psiquiátrico (1906). Exerceu a sua especialidade

inicialmente no Hospital de Rilhafoles e em 1911 foi escolhido por Afonso Costa para director clínico do Manicómio do Telhal (Sintra), onde permaneceu até à reforma, em 1948. Foi um dos psiquiatras que examinaram o amigo de Fernando Pessoa, Alberto da Cunha Dias, quando este em 1916 foi internado compulsivamente por “paranóia de ciúme” e “loucura lúcida”. A este respeito Cebola relatou, em *Memórias de Este e do Outro Mundo* (1957), que Fernando Pessoa, que conhecia de uma tertúlia literária, o procurara, indagando da razão do internamento do seu amigo. Cebola revela também nesse livro que Pessoa fora tratado, antes de 1916, de uma “toxémia alcoólica” no Hospital de Rilhafoles (BARRETO: 2012c). Cultivou também as letras, publicando poesia e contos, além de diversas obras de psiquiatria, entre as quais *Psiquiatria Clínica e Forense* (1940), ensaios políticos, entre os quais *Os Novos Messias: Análise Psicopatológica de Hitler e Mussolini* (1945), *Democracia integral* (1951) e *Estado Novo e República* (1955), obras memorialísticas, relatos de viagens e outras.

Manuel de Vasconcellos (?-?). Médico neurologista. Assistente de Egas Moniz no serviço de neurologia do Hospital de Santa Marta.

Conde de Mafra. Tomás de Melo Breyner (1866-1933), 4.º conde de Mafra. Médico dermatologista, venereologista e professor. Lecionou venereologia na Faculdade de Medicina de Lisboa. Médico dos hospitais civis de Lisboa. Director da consulta externa de doenças venéreas no Hospital do Desterro. Monárquico constitucionalista. Aderiu à Liga Nacional (1915) e pertenceu à direcção da Cruzada Nun’Álvares desde 1918.

Bettencourt Ferreira. Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira (1866-1948). Médico, zoólogo, antropólogo e professor. Lecionou na Escola Politécnica, depois Faculdade de Ciências de Lisboa e na Faculdade de Ciências do Porto. Foi naturalista do Museu Bocage (Museu de História Natural). Sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Ligado à Renascença Portuguesa, colaborou na revista *A Águia*. Publicou vasta obra científica nos domínios da zoologia e antropologia cultural.

Antonio Flores. António José Pereira Flores (1883-1957). Médico neurologista, psiquiatra e professor. Coursou medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e prosseguiu a sua formação em Paris e Berlim. Lecionou neurologia e psiquiatria na Faculdade de Medicina de Lisboa. Em 1911 recusou o lugar de director do Manicómio Miguel Bombarda e integrou o serviço de neurologia do Hospital de Santa Marta, como assistente de Egas Moniz. Foi director do Hospital Júlio de Matos e, nos anos 40, da Faculdade de Medicina de Lisboa, cargo este de que se demitiu por motivos políticos. Foi o primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.

Egas Moniz. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955). Médico neurologista, psiquiatra, professor e político. Lecionou neurologia na Faculdade de Medicina de Coimbra e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi director do Hospital de Santa Marta, onde fundou o serviço de neurologia, e da Faculdade de Medicina de Lisboa. Presidente da Academia de Ciências de Lisboa (1932). Deputado às Cortes pelo Partido Progressista (1900-1910) e ao Congresso da República, em várias legislaturas, pelo Partido Evolucionista e pelo Partido Nacional Republicano (1911-1918). Combateu o Partido Democrático e foi figura destacada do sidonismo, tendo fundado o Partido Centrista (1917-1918) e liderado o Partido Nacional Republicano (1918-1919). Foi ministro de Portugal em Madrid (1918) e ministro dos Negócios Estrangeiros (1918-1919). Foi maçom entre 1910 e 1918. Publicou vasta obra científica, incluindo o livro *A Vida Sexual* (1901, com numerosas reedições) e também estudos literários e memorialísticos. Manteve-se à margem do Estado Novo. Foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Medicina (1949). Numa entrevista anónima ao jornal *A Luta* de 11 de Abril de 1915, apresentado apenas como um afamado médico neurologista, disse que os poetas do recém-publicado *Orpheu* eram “meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do público vomitando asneiras. [...] Repare nos nomes: Carneiro, Guisado. Um mau *carneiro* pessimamente *guisado*. Intolerável.” Num manuscrito de 1915 deixado inédito, Fernando Pessoa comentou indignadamente esta entrevista, referindo-se a Egas Moniz como “o Conselheiro Acácio da neurologia nacional” e acusando-o de misoneísmo e ignorância literária (PIZARRO, 2015). O heterónimo pessoano António Gomes dedicou-lhe, também em 1915, um epigrama, em que lhe chama “Acácio von Krafft-Ebing” (PESSOA, 2013b: 471).

Ferreira de Mira. Matias Boleto Ferreira de Mira (1875-1953). Médico, investigador, professor, jornalista e político. Fundador e director do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, presidente da Sociedade Portuguesa de Biologia e professor de fisiologia e química fisiológica da Faculdade de Medicina de Lisboa. Republicano unionista e mais tarde liberal. Foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e deputado pelo Partido Republicano Liberal (1921). Foi redactor principal do jornal *A Luta* (1918-1922) e colaborador da *Seara Nova* (anos 1940) e do *Diário de Notícias*. Interveio em 1923 na polémica sobre as obras imorais com o artigo “Uma grave doença”, publicado no *Diário de Notícias* (8 de março de 1923), cujo recorte se encontra no espólio de Fernando Pessoa (135D-1^r). Defendia aí que os jornais fizessem silêncio sobre certas obras literárias de autores “doentes” (homossexuais), para evitar que, com a publicidade, essas doenças deixassem de ser percebidas como tais e se tornassem “moda”. Citando um estudo belga, sustentava que apenas 10% dos homossexuais eram “malfeitores irredutíveis”, 25% seriam susceptíveis de melhoras através de tratamento médico e internamento em asilos e 65% poderiam

ser totalmente curados. Embora não defendendo abertamente a apreensão dos livros em causa, considerava que eles favoreciam o “contágio” que desviava do “caminho natural” pessoas não constitucionalmente doentes. Publicou obras científicas, uma *História da Medicina Portuguesa* (1947) e, em coautoria com Aquilino Ribeiro, uma biografia de Brito Camacho (1942).

Henrique Parreira. Henrique Fragoso Domingues Parreira (1885-1945). Médico e professor. Lecionou anatomia patológica, histologia patológica e patologia geral na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Membro da primeira comissão directiva do Instituto Português para o Estudo do Cancro (1923).

Nicolau Bettencourt. Nicolau Anastácio de Bettencourt (1872-1941). Médico bacteriologista, investigador e professor. Lecionou bacteriologia, parasitologia e clínica médica na Faculdade de Medicina de Lisboa. Director do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Irmão e discípulo de Aníbal de Bettencourt. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

Pedro Chaves. Pedro Roberto da Silva Chaves (1887-1951). Médico, histologista e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Costa Saccadura. Sebastião Cabral da Costa Sacadura (1872-1966). Médico obstetra, ginecologista e professor. Lecionou obstetrícia e ginecologia na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi director da Maternidade Magalhães Coutinho e presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

Alberto Gomes. Alberto de Azevedo Gomes (1883-?). Médico-cirurgião, urologista e professor. Lecionou na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa. Médico dos hospitais civis de Lisboa.

Pinto de Miranda. Francisco Pinto de Miranda (1872-1955). Médico pediatra e ortopedista. Lecionou educação física, pediatria e ortopedia na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi director dos serviços de ortopedia e prótese do Instituto de Mutilados de Guerra de Santa Isabel (1917-1921).

Leite Lage. José Júlio Leite Lage (1874-1961). Médico pediatra. Responsável de pediatria médica no Hospital de D. Estefânia.

Alexandre Cancellata de Abreu. Alexandre de Matos Cancellata de Abreu (1887-1955). Médico neurologista e professor. Assistente de Egas Moniz no serviço de neurologia do Hospital de Santa Marta. Lecionou neurologia e medicina interna na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Carlos de Mello. Carlos Pinto da Cruz e Melo (1888-1933). Médico otorrinolaringologista e professor. Coursou medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e prosseguiu a sua formação em Berlim e Viena. Lecionou otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina de Lisboa e foi director do Hospital de Santa Marta (1928-1931).

David Moraes Sarmiento. David Pinto de Moraes Sarmiento (1884-1933). Médico. Combateu em França e foi condecorado com a Cruz de Guerra.

Zepherino Falcão. Zeferino Cândido Falcão de Pacheco (1856-1924). Médico dermatologista, leprologista, professor e político. Licenciado em Coimbra, frequentou estágios em Paris e Viena. Regressado a Portugal, instalou no Hospital de São José, em 1892, a primeira consulta de doenças da pele. Instalou a consulta de dermatologia do Hospital de Santa Marta. Lecionou dermatologia na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (1918-1919). Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Sidonista, membro substituto do directório do Partido Nacional Republicano, foi durante alguns meses presidente da comissão administrativa do concelho de Lisboa (1918), senador e presidente do Senado (1918-1919). Publicou *A Lepra em Portugal* (1900), obra segundo a qual existiam em 1898 em Portugal 1500 leprosos.

Cassiano Neves. António Cassiano Pereira de Sousa Neves (1878-1946). Médico, tisiólogo, higienista, professor e político. Possuía uma das maiores clínicas de Lisboa. Especialista de tuberculose e saúde pública. Lecionou no curso de medicina sanitária da Faculdade de Medicina de Lisboa. Dirigiu vários sanatórios e dispensários e foi provedor da Assistência Pública de Lisboa e presidente da comissão executiva da Assistência Nacional aos Tuberculosos. Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Eleito deputado à Cortes pelo Partido Progressista (1905), que abandonou quando da dissidência liderada por José de Alpoim. Aderiu à república e foi brevemente governador civil de Lisboa num governo de Bernardino Machado (1914) e, depois, no do general Pimenta de Castro (1915). Publicou várias obras sobre a tuberculose e medicina sanitária.

Jayme Neves. Jaime Xavier Pinheiro de Andrade Neves (1866-1955). Médico com consultório na Baixa de Lisboa. Primo da mãe de Fernando Pessoa, ao qual assistiu na hora da morte, no Hospital de S. Luís. Ofereceu em 1913 a Fernando Pessoa a agenda em que ele escreveu o diário desse ano. Pai de José Jaime Cardoso Andrade Neves (1909-1993), advogado e amigo de Pessoa.

48D-63

12-6-1923.

Dr. Antonio Flores, Praça dos Restauradores 53.
 Dr. Bettencourt Ferreira, Rua Thomaz da Anunciação, 27, 2.
 Prof. Dr. Ricardo Jorge, Campo dos Martyres da Patria, 91.
 Conde de Mafra, Rua Silva Carvalho 347.
 Dr. Albino Valente, P. Restauradores, 47, 1.
 Dr. Costa Saccadura, Rua do Carmo, 60, 1.
 Prof. Dr. Celestino da Costa, R. N. de Sto. Antonio, 33, 2.
 Prof. Dr. Egas Moniz, Avenida Luiz Bivar, E.M.
 Prof. Dr. Augusto Monjardino, Av. da Pr. da Victoria, 12.
 Prof. Dr. Augusto de Vasconcellos, Pateo do Lencastre, 7.
 Dr. Barbosa Soeiro, Rua Phebo Moniz, M.C.
 Prof. Dr. Gama Pinto, R. S. Sebastião das Tappas, 14.
 Prof. Dr. Sobral Cid, Rua Luciano Cordeiro, 18, 2.
 Prof. Dr. Slazar de Sousa, Av. da Republica, 64, 1.
 Dr. Ferreira Mira, Rua D. Estephania, 118, 2.
 Prof. Dr. Moreira Junior, Av. Fontes Pa de Mello 21, 1.
 Prof. Dr. Silvio Rebello Alves, R. Esc. Polyt. 147.
 Prof. Dr. Henrique de Vilhena, Av. da Republica, 102, 3, dto.
 Prof. Dr. Francisco Gentil, Rua das Praças, 49.
 Prof. Dr. Pulido Valente, Rua Thomaz Ribeiro 8, 2.
 Prof. Dr. Custodio Cabeça, Rua Camara Pestana, 23.
 Prof. Dr. Bettencourt Raposo, Fac. Med^a Lisboa, C.M. Patria.
 Prof. Dr. Annibal Bettencourt, Inst. Bact. Cam. Pest^a,
 Rua do Instituto Bacteriologico.
 Prof. Dr. Adelino Padesca, Largo do Calvari^o, 19, 3, dto.
 Prof. Dr. Marck Athias, R. Luciano Cordeiro, 9, 3.
 Dr. Luiz Cebola, Rua Augusta, 220, 1.
 Dr. Manuel de Vasconcellos, Av; Elias Garcia, J.M.; 3.
 Prof. Dr. Azevedo Neves, C. dos Mart. da Patria, 44, 4.
 Dr. Henrique Parreira, Praça das Flores, 82, 1.
 Dr. Roberto Chaves, Rua da Penha de França (Graça) 230, 2.
 Dr. Nicolau Bettencourt, Inst. C.P., Rua do Inst. Bact^a
 Dr. Cassiano Neves, Av. da Republica, 23, 4.
 Dr. Jayme Neves, R. N. do Almada, 11, 2.
 Dr. Zepherino Falcão, Rua Alex. Herculano, 26, 2.
 Dr. David de Moraes Sarmiento, Av; Republica, 9, 3.
 Dr. Carlos de Mello, Rua Barata Salgueiro, 28, 1.
 Dr. Alexandre Cancellia de Abreu, R. Borges Carneiro, 192, 2.
 Dr. Leite Lage, Rua Pedro Nunes, 17, 1.
 Dr. Pinto de Miranda, Av. da Liberdade, 115, 2.
 Dr. Alberto Gomes, Rua de S. Bento, 247, 1.
 Dr. Julio Dantas, Rua da Gloria, 14.
 Agostinho de Campos; Rua do Patrocínio, 21, 1.
 Dr. Henrique Trindade Coelho, Rua do Mundo, 116, 1.
 Prof. Dr. José Lobo d'Avila Lima, Rua D. Pedro V., 109, 1.
 Dr. Annibal Soares, Rua de Ouro, 50, 1.
 Dr. Ramada Curto, R. N. do Almada, 59, 2.
 Dr. Gonçalves Cotta, Hotel Francfort, R. S. Justa.
 Duarte Roriz, na casa Borges & Irmão, L. de S. Julião.
 Dr. Sousa Costa, Rua Borges Carneiro, 45, r/c.



Fig. 4a. BNP/E3, 48D-63.

(2)

Dr. Carlos Amaro, C. M. da Patria, 49, 3^o.
 J. A. Moreira de Almeida, Director de O DIA, R. A.M.C.^o 29, 1^o.
 Conde Fernando de Sousa, Dir. da Epoca, Rua da Lucta, 30, 2^o.
 Avelino de Almeida, Redacção de O SECULO, R. do Seculo.
 José Rangel de Lima, Red. do D. de N., Rua do D. de N.
 Dr. Augusto de Castro, Dir. do D. de N., Rua do D. de N.
 Dr. João de Barros, Secrete Geral do Min. da Instrucção.
 Dr. Alfredo Pimenta, Rua Pedro Nunes, 33, 2^o, qto.
 Dr. João Barral Camacho, Rua do Loreto, 42.
 Redacção da "Nação Portuguesa", L. do Directorio, 8, 3^o.
 Dr. Pequito Rebello, Red. da "Nação Portuguesa", ibid.
 Dr. Antonio Sardinha, Quinta do Bispo, Elvas.
 Dr. Francisco Fernandes Lopes, Olhão.
 Dr. Elycio de Moura, Coimbra.
 Francisco Manuel Homem Christo, Aveiro.

13-5-1923.

Dr. Coelho de Carvalho, Lisboa.
 Prof. Leonardo Coimbra, Porto.
 Prof. Hernani Cidade, Porto.
 "Contemporanea", Lisboa.
 "Revista Portuguesa", Lisboa.
 Dr. Eugénio de Castro, Coimbra.
 Dr. Teixeira de Pascoaes, Amarante.
 S. Ex.^a o Presidente da Republica.
 Visconde de Villa-Moura, Ancede.

14-5-1923.

Prof. Achilles Machado - Avenida da Liberdade, 200, 3^o.
 José Leite de Vasconcellos - Rua D. Carlos Mascarenhas, 5.
 Henrique Lopes de Mendonça - Villa Alto Learim, C, 2^o,
 Rua do Salitre, 82, porta 4.
 Prof. Cincinato da Costa - Rua do Possolo, 41.
 Prof. David Lopes - Av; Fontes Pereirá de Mello, 18, 3^o.
 Antonio Baião - Rua Castilho, 38, 2^o.
 Frederico Oom (Coronel) - Observatório Astronomico,
 Tapada da Ajuda.
 Dr. José Maria Rodrigues - Faculdade de Letras - Lisboa.
 Conde de Nova-Goa - Rua do Prior, 40.
 Prof. Pedro José da Cunha - Rua de S. Bento, 700, 1^o.
 Almirante Vicente Almeida d'Eça - Rua de Buenos Ayres, 30.
 Almirante Gago Coutinho - Rua da Esperança, 242, 2^o.
 Commandante Saccadura Cabral - Largo do Andaluz, 18, 1^o.
 Christovam Ayres - Rua da Estrellá, 35.
 Prof. Almeida Lima - Travessa do Alcaide, 1, 2^o.
 Dr. Candido de Figueiredo - Rua Barata Salgueiro, -92, 1^o, fr.

Fig. 4b. BNP/E3, 48D-63^o.

(3)

48D-64

Dr. José Soares da Cunha e Costa - Rua do Ouro, 124, 2^a, esq.
 Dr. José Eugénio Dias Ferreira - Av. Ant^a Aug. d'Aguiar, 60, 1^a
 Hemeterio Arantes - Rua da Quintinha, 99, r/c.
 Francisco Lopes Vieira de Almeida - Rua João Crisostomo, 46, 4^a
 Alexandre Rey Collaço - Rua Ribeiro Sanches, 48.
 Jorge Collaço - Estrada-da Luz, 8.
 Luiz Leitão - Na C^a Ind. de Portugal e Colonias.
 Dr. Affonso Lopes-Vieira - Costa do Castello, 45.
 José Coelho Pacheco - Praça Duque de Saldanha, 29.
 Francisco Mayer Garção - Rua Maria da Ponte, 42, 1^a.
 Dr. Mario Monteiro - Rua dos Retrozeiros, 78, 2^a, dto.
 Dr. Paulo Cancellia de Abreu - Rua Nova do Almada, 64, 2^a, dto.
 Dr. José Gomes Motta - Rua dos Sapateiros, 44, 1^a.
 Dr. José de Azeredo Perdigoão - Rua de S. Nicolau, 23, 2^a.
 Conselheiro Abel de Andrade - Rua Nova do Almada, 100, 1^a.
 Dr. João Pinto dos Santos - Rua Nova do Almada, 81, 1^a, dto.
 Antonio Ferro - Rua do Registo Civil, 26.

15-5-1923.

Bispo do Algarve.
 Arcebispo Primaz de Braga.
 Cardeal Patriarcha de Lisboa.
 Arcebispo-Bispo da Guarda.
 Bispo de Bragança.
 Bispo de Portalegre.
 Arcebispo de Evora.
 Bispo do Porto.
 Bispo de Vizeu.
 Bispo de Leiria.
 Bispo-Conde de Coimbra.

18-5-1923.

Director do "Jornal de Noticias", Porto.
 Director do "Comercio do Porto", Porto.
 Director do "Primeiro de Janeiro", Porto.
 Dr. Fidelino de Figueiredo - Av. Duque d'Avila, A.C., 3^a.
 Conselheiro João Arroyo - Rua Braamcamp, AFB, 2^a, esq.
 Engenheiro Antonio Arroyo - Rua das Amoreiras, 160, 2^a.
 Director de "O Setubalense", Setubal.
 Domingos de Gusmão Araujo - Barqueiros, Linha do Douro.
 Antonio Correa d'Oliveira - Espozende.
 Dr. Virgilio Machado - Rua do Instituto Virgilio Machado, 12.
 Anthero de Figueiredo, Espinho.
 Dr. Mameel da Silva Gayo - Coimbra.
 Dr. Sabino Coelho - Rossio, 45, 2^a.
 Dr. Antonio de Magalhães Lemos - Director do Hosp. Cde. Ferreira-Pa.
 Dr. José de Magalhães - Avenida da Boavista, 631, Porto.
 Dr. José Fernandes de Magalhães - Rua Costa Cabral, 1218, Porto.
 Dr. Maximiano de Lemos - Av. da Republica, 881, Porto.

Fig. 5a. BNP/E3, 48D-64.

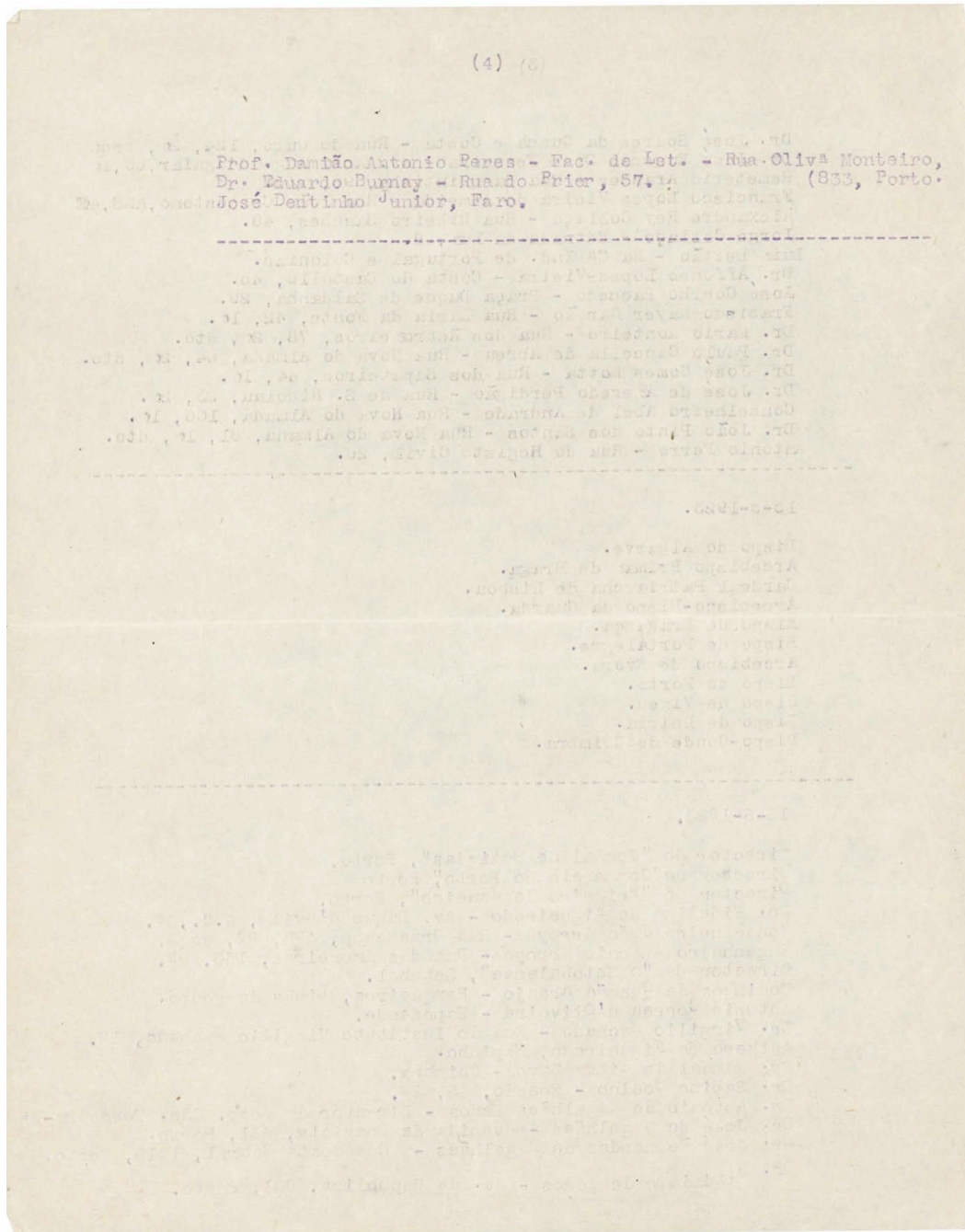


Fig. 5b. BNP/E3, 48D-64.

Pequito Rebello. José Adriano Pequito Rebelo (1892-1983). Grande proprietário, publicista e político. Bacharel em direito por Coimbra. Monárquico, cofundador do Integralismo Lusitano, cofundador e financiador do jornal *A Monarquia* (1917-1922) e da revista *Nação Portuguesa* (1914-1938). Combateu na Flandres como oficial de Artilharia durante a Grande Guerra. Participou na revolta de Monsanto (1919), ficando gravemente ferido. Teve papel destacado na desvinculação dos monárquicos integralistas do Estado Novo e opôs-se ao salazarismo. Publicou *Novos Métodos de Cultura: O Método Integral* (1917), *Cartilha do Lavrador: Integralismo Lusitano* (1921), *Pela Dedução à Monarquia* (1914, 1.^a ed. em livro 1921).

Antonio Sardinha. António Maria de Sousa Sardinha (1887-1925). Poeta, ensaísta, jornalista e político. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Começou por ser republicano, mas, após o 5 de Outubro de 1910, distanciou-se da república, convertendo-se em 1912 à monarquia e ao catolicismo. Foi a figura cimeira do Integralismo Lusitano, fundado em 1914-1916, que preconizava uma monarquia tradicional, orgânica e antiparlamentar. Foi cofundador da revista *Nação Portuguesa* (1914) e do jornal *A Monarquia* (1917-1922), que dirigiu. Apoiou o sidonismo, acreditando que ele conduziria à restauração da monarquia, e em 1918 foi eleito deputado pelos monárquicos. Participou na revolta de 1919 contra a república, exilando-se depois em Espanha por dois anos. Publicou *O Valor da Raça. Introdução a uma Campanha Nacional* (1915), *A Epopeia da Planície. Poemas da Terra e do Sangue* (1915), *Ao Princípio Era o Verbo. Ensaios & Estudos* (1924) e *A Aliança Peninsular. Antecedentes e Possibilidades* (1924).

Achilles Machado. Aquiles Alfredo da Silveira Machado (1862-1942). Engenheiro militar, químico, professor e investigador. Como militar atingiu a patente de general. Lecionou na Escola Politécnica e na Faculdade de Ciências de Lisboa. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Química e de Física e secretário-geral e presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Publicou vasta obra científica.

Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931). Militar da Armada, professor, historiador naval, escritor, poeta e dramaturgo. Sócio da Academia das Ciências, de que foi presidente (1915). Foi o autor da letra da marcha “A Portuguesa” (1890), adoptada como hino nacional pela república. Literariamente, foi um dos mais eminentes “lepidópteros”, segundo a terminologia dos homens do *Orpheu*.

Cincinato da Costa. Bernardino Camilo Cincinato da Costa (1866-1930). Agrónomo e professor. Lecionou tecnologia agrícola no Instituto de Agronomia e Veterinária, depois Instituto Superior de Agronomia. Foi director da Companhia das Lezírias. Sócio da Academia das Ciências (1891) e director da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa. Eleito deputado às Cortes em 1895, renunciou meses

depois. Foi comissário à Exposição Universal de Paris de 1900. Publicou *O Portugal Vinícola: Estudos sobre a Ampelografia e o Valor Enológico das Principais Castas de Videiras de Portugal* (1900), *Breve Notícia sobre o Ensino da Agricultura em Portugal* (1892), *Le Portugal au point de vue agricole* (codirecção com D. Luís de Castro, 1900), *As Lezírias do Tejo e Sado e o Problema Agrário Nacional* (1912) e *A Organização do Ministério da Agricultura e o Problema Agrário Nacional* (1918).

David Lopes. David de Melo Lopes (1867-1942). Filólogo, arabista, historiador e professor. Estudou em Lisboa e Paris. Lecionou língua e literatura francesas e língua e literatura árabes no Curso Superior de Letras e na Faculdade de Letras de Lisboa (1902-1937). Publicou diversas obras sobre a cultura árabe em Portugal e a expansão portuguesa em Marrocos.

Antonio Baião. António Eduardo Simões Baião (1878-1961). Arquivista e historiador. Bacharel em direito, foi professor do ensino secundário e, a partir de 1902, funcionário e director (1908) do Arquivo da Torre do Tombo. Publicou *O Arquivo da Torre do Tombo* (1905, com Pedro de Azevedo), *O Matemático Pedro Nunes e a sua Família* (1915) e vários estudos pioneiros sobre a Inquisição portuguesa, como *A Inquisição em Portugal e no Brasil* (1906), *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa* (1919-1938) e *A Inquisição de Goa* (1929-1930).

Frederico Oom. Frederico Tomás Oom (1864-1930). Militar, astrónomo, publicista. Oficial de engenharia, entrou em 1891 para o Observatório da Ajuda, de que viria ser nomeado director (1920). Publicou numerosos trabalhos científicos em Portugal e no estrangeiro. Filho de Frederico Augusto Oom (1830-1890), astrónomo e primeiro director do Observatório da Ajuda.

José Maria Rodrigues (1857-1942). Filólogo, camonista, pedagogo e professor. Licenciado e doutorado em teologia e ordenado presbítero, lecionou hebraico em Coimbra (1888-1893) e foi capelão da universidade. Colaborou na reforma do ensino secundário (1894) e foi depois reitor do Liceu de Lisboa, até 1902. Em 1901 ingressou como professor no Curso Superior de Letras, depois Faculdade de Letras de Lisboa, onde lecionou filologia clássica, estudos camonianos, literatura portuguesa e línguas e literaturas alemã e inglesa. Foi preceptor dos príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel. Publicou *Fontes dos Lusíadas* (1908), edições críticas de *Os Lusíadas* (1921 e 1928), uma edição prefaciada e anotada das *Líricas* de Camões (1932, com Afonso Lopes Vieira) e vários outros estudos camonianos.

Pedro José da Cunha (1867-1945). Engenheiro militar, matemático, astrónomo e professor. Lecionou análise, geometria e matemática na Escola Politécnica, depois Faculdade de Ciências de Lisboa, de que foi director. Dirigiu o Observatório

Astrónómico da Faculdade de Ciências. Foi reitor da Universidade de Lisboa (1916) e primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática. Publicou *Bosquejo Histórico das Matemáticas em Portugal* (1929) e numerosos estudos de geometria, cálculo infinitesimal, astronomia, pedagogia e história. Autor de vários trabalhos sobre a história da Escola Politécnica.

Vicente Almeida d'Eça. Vicente Maria de Moura Coutinho Almeida d'Eça (1852-1929). Oficial da Armada, professor, historiador, geógrafo, oceanógrafo e político. Como militar atingiu a patente de vice-almirante. Lecionou direito internacional marítimo e história marítima na Escola Naval de 1885 até à morte. Foi presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Foi eleito deputado às Cortes em 1892, 1894 e 1908 nas listas do Partido Regenerador. Publicou vasta obra sobre história marítima e dos descobrimentos, marinha de guerra, direito internacional, geografia, pesca marítima e temas coloniais.

Christovam Ayres. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (1853-1930), natural de Goa. Militar, professor, jornalista, historiador, contista, poeta, tradutor e político. Além dos cursos de infantaria e cavalaria da Escola do Exército, concluiu literatura, filosofia e história no Curso Superior de Letras de Lisboa. Foi promotor de justiça militar e passou à reserva em 1913 com a patente de general de cavalaria. Lecionou na Escola do Exército. Foi director do *Jornal do Comércio* (1885-1892). Foi sócio (1900) e secretário-geral (1919) da Academia das Ciências de Lisboa. Foi cinco vezes eleito deputado às Cortes entre 1890 e 1904 nas listas do Partido Regenerador. Foi governador civil de Bragança (1893) e de Leiria (1908). Publicou *História da Cavalaria Portuguesa* (1889-1894), *História Orgânica e Política do Exército Português e respectivas Provas* (4 vols. 1896-1908 e 17 vols. 1902-1932), *Teoria da História da Civilização Militar* (1897, 4.^a ed. 1916), *Fernão Mendes Pinto: Subsídios para a sua Biografia e para o Estudo da sua Obra* (1904), *Fernão Mendes Pinto e o Japão: Pontos Controversos* (1906), *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular* (1924-1930), *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa* (1927) e vários livros de poesia. Traduziu cinco romances de Jules Verne e dois de Arthur Conan Doyle. Pai de Cristóvão Aires de Magalhães (1880-1944), tenente-coronel de infantaria, que continuou a sua obra historiográfica.

Almeida Lima. João Maria de Almeida Lima (1859-1930). Militar, físico e professor. Lecionou física na Escola Politécnica e na Faculdade Ciências de Lisboa. Como militar passou à reserva com a patente de general em 1926. Foi reitor da Universidade de Lisboa (1914), director da Faculdade Ciências de Lisboa e do respectivo Observatório Meteorológico (1921-1925) e presidente da Academia das

Ciências de Lisboa. Politicamente independente, foi ministro do Fomento em 1914, ano em que falhou a sua candidatura a senador.

Candido de Figueiredo. António Cândido de Figueiredo (1846-1925). Filólogo, lexicólogo, jornalista e escritor. Concluiu os cursos de teologia e direito. Ordenado presbítero em 1867, abandonou a vida eclesiástica para exercer advocacia, sendo mais tarde nomeado funcionário do Ministério da Justiça, onde se aposentou-se como subdirector-geral. Cofundador da Sociedade de Geografia de Lisboa (1876) e sócio e presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1.^a ed. 1899, com múltiplas reedições). Combateu os estrangeirismos e os vícios de linguagem e, em 1911, integrou a Comissão de Reforma Ortográfica. Publicou estudos linguísticos, manuais escolares, poesia, prosa e crítica e diversas traduções, nomeadamente de Maurice Maeterlinck e Paolo Mantegazza. Foi autor da obra de crítica social *Lisboa no Ano Três Mil. Revelações Arqueológicas Obtidas pela Hipnose* (1892) e, sob o pseudónimo de Guilhermino, da obra licenciosa *Entre Lençóis* (s.d.).

José Eugenio Dias Ferreira (1882-1953). Jurista e professor. Filho do político da monarquia José Dias Ferreira. Esteve na origem da greve estudantil de 1907, após ter sido reprovado por motivos políticos na prova de doutoramento. Começou por exercer advocacia. Especialista de finanças e direito internacional privado, lecionou no Instituto Superior de Comércio de Lisboa, depois Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Foi consultor da Administração-Geral dos Correios e Telégrafos e vogal do Conselho Superior dos Caminhos de Ferro. Pertenceu ao Instituto de Coimbra. Republicano desde 1906, foi durante a república próximo de republicanos radicais, nacionalistas e conservadores. Em 1921 tentou convencer o general Gomes da Costa a encabeçar uma conspiração contra o governo. Esteve envolvido na revolta republicana de 19 de Julho de 1925, liderada por Mendes Cabeçadas e Jaime Baptista, cuja proclamação redigiu, e no golpe militar de 28 de Maio de 1926, tendo redigido a proclamação da Junta Revolucionária de Lisboa, liderada por Mendes Cabeçadas Esteve, depois, envolvido na revolta de Julho de 1928 contra a Ditadura Militar. Publicou *Política Nacional: Trabalhos de Propaganda Política* (1926), que inclui as citadas proclamações, e um *Tratado de Finanças Públicas* (1949).

Mario Monteiro. Mário Augusto de Miranda Monteiro (1870-1955). Advogado, grande proprietário e político. Deputado às Cortes por Portimão (1901) e por Portalegre de 1904 a 1910, nas listas do Partido Regenerador. Foi o último presidente da Câmara Municipal de Nisa sob a monarquia. Eleito senador pelo Alentejo em 1918, nas listas monárquicas. Em 1912 foi advogado de conspiradores monárquicos presos pelas autoridades republicanas. Pertenceu à Cruz Nacional

Nun'Álvares (1927), organismo assistencial da Cruzada Nacional Nun'Álvares. Primeiro presidente do conselho distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados (1929-1932). Membro do Instituto de Coimbra.

Paulo Cancellia de Abreu (1885-1974). Advogado, magistrado, jurista e político. Sob a monarquia, foi secretário do ministro da Justiça (1909) e subdelegado do procurador régio. Na república foi dirigente das Juventudes Monárquicas Conservadoras e da Causa Monárquica. Foi deputado pelas listas monárquicas à Câmara dos Deputados (1922-1925), onde em 1924 declarou que o país estava “entregue a uma quadrilha de ladrões”, e à Assembleia Nacional (a partir de 1945). Foi vogal do conselho superior da Ordem dos Advogados.

José Gomes Motta (1889-1973). Advogado activo em Lisboa entre os anos 1920 e 1960. Interveio no processo do Banco Angola e Metrópole como defensor dos irmãos Pinto da Cunha. Sobre o caso publicou *Justo por Pecador. Minuta de agravo de injusta pronuncia* (1927). A revista *Contemporânea* chegou a anunciar (n.º 5, 1922) a sua colaboração, com um escrito sobre problemas jurídicos, que não se verificou. Republicano e democrata.

José de Azeredo Perdigão (1896-1993). Advogado, jurista, professor e administrador de empresas. Republicano e democrata. Participou na fundação da *Seara Nova*. Nos anos 40 viria a ser o advogado de Calouste Gulbenkian.

Abel de Andrade. Abel Pereira de Andrade (1866-1958). Jurista, professor e advogado. Coursou teologia (1891) e direito (1896). Lecionou direito penal e processo penal na Faculdade de Direito de Coimbra e na de Lisboa, da qual foi director (1931-1936). Director-geral da Instrução Pública (1902-1906). Director do Instituto de Criminologia de Lisboa e presidente da Federação Nacional das Instituições de Protecção à Infância (1908-1919). Juiz do Supremo Tribunal Administrativo. Deputado às Cortes pelo Partido Regenerador (1899-1910), opondo-se ao governo de João Franco. Elevado a par do reino em Setembro de 1910, já não tomou posse. Depois do 5 de Outubro, afastou-se da política por largo período. Aderiu à União Nacional e foi procurador à Câmara Corporativa (1935-1942), em que foi o relator do parecer sobre a lei de 1935 que ilegalizou a maçonaria.

João Pinto dos Santos. João Pinto Rodrigues dos Santos (1856-1946). Advogado, jurista e político. Coursou teologia e direito. Seguiu a carreira docente, mas, tendo defendido os estudantes grevistas em 1907, não foi nomeado para uma cátedra. Foi governador civil de Santarém (1892-1893), alto funcionário do Ministério da Marinha e Ultramar (1903-1910) e, durante a república, consultor jurídico do

Ministério das Colónias até se reformar (1918), exercendo depois a advocacia. Deputado às Cortes (1887-1910), primeiro nas listas do Partido Regenerador e, a partir de 1902, do Partido Progressista, acompanhou depois a dissidência de José Maria de Alpoim. Nomeado par do Reino em Setembro de 1910. De tendência liberal, combateu “de braço dado com os republicanos” a reacção, o clericalismo, a corrupção e o autoritarismo dos governos monárquicos, mas, mantendo-se monárquico, não aderiu à república.

Antonio Ferro. António Joaquim Tavares Ferro (1895-1956). Jornalista, escritor e político. Frequentou o curso de direito em Lisboa, sem o concluir. Foi incorporado no serviço militar em 1918, durante a Grande Guerra, mas serviu em Angola como secretário do governador Filomeno da Câmara. Colaborou em diversos diários, revistas e periódicos culturais a partir de 1918. Em 1923 ingressou na redacção do *Diário de Notícias*, iniciando uma carreira de repórter internacional. Tendo sido na juventude simpatizante do Partido Republicano Português, evoluiu para sidonista, republicano conservador e nacionalista simpatizante de regimes autoritários. Esteve ligado, em 1925-1927, às actividades golpistas fascizantes do comandante Filomeno da Câmara. Após ter realizado uma série de entrevistas com Salazar, publicadas no *Diário de Notícias* em Dezembro de 1932 e reunidas em livro publicado em Fevereiro seguinte, foi nomeado pelo ditador, em Outubro de 1933, director do Secretariado de Propaganda Nacional. Até à sua entrada na política do Estado Novo, tinha publicado, além de versos esparsos, livros de conferências, reportagens, entrevistas, contos, aforismos e o “romance fragmentário” *Leviana* (1921), que, tal como *Teoria da Indiferença* (1920), revelava flagrante influência da obra do espanhol Ramón Gómez de la Cerna (SÁEZ DELGADO, 2007). O seu livro de contos *A Amadora dos Fenómenos* (1925) mereceu a Fernando Pessoa comentários corrosivos num texto deixado inédito que questionava a sanidade mental de Ferro, tratando-o de “imbecil” (BARRETO, 2010; PIZARRO, 2012: 244-248). Na juventude, relacionou-se com o grupo do *Orpheu*, mas não colaborou na revista, apesar de o seu nome ter sido escolhido para figurar como editor pelo facto de ser menor, logo “irresponsável”. Em 1915, desligou-se publicamente do *Orpheu*, censurando na imprensa uma atitude desrespeitosa de Fernando Pessoa para com o líder do Partido Democrático, Afonso Costa. Pessoa manteria com ele até ao fim da vida uma relação de cortesia, mas distante, elogiando-lhe, numa carta de 1933, o talento “publicitário” na promoção de Salazar. Ferro ofereceu quatro dos seus livros com dedicatórias amistosas a Fernando Pessoa, que reciprocou com o folheto *O Interregno* (1928) e o livro *Mensagem*, que o SPN de Ferro premiou em 1934.

Domingos de Gusmão Araujo (1889-1959). Coursou letras e direito. Esteve exilado na Bélgica após o 5 de Outubro, depois de ter pegado em armas contra a república. Com outros estudantes exilados influenciados por Charles Maurras (Rolão Preto e

Lúis de Almeida Braga), fundou e dirigiu a revista monárquica *Alma Portuguesa* (1913), onde pela primeira vez apareceu a expressão “Integralismo Lusitano”. Participou na fundação do movimento do Integralismo Lusitano e foi secretário do órgão desta, a revista *Nação Portuguesa* (1922-1923). Foi um dos animadores da revista *Ordem Nova* (1926-1927), autoproclamada “reaccionária”, que num dos seus números, pela pena de Marcelo Caetano, se regozijou pela cremação dos “livros imorais” apreendidos pelas autoridades em 1923.

Antonio de Magalhães Lemos. António de Sousa Magalhães e Lemos (1855-1931). Médico, psiquiatra, investigador e professor. Trabalhou com Charcot e Magnan em Paris. Lecionou neurologia na Faculdade de Medicina do Porto. Foi director do Hospital do Conde de Ferreira, no Porto.

José de Magalhães. José Alfredo Mendes de Magalhães (1870-1957), conhecido por Alfredo de Magalhães (não confundir com José Fernandes de Magalhães, nome seguinte nesta lista). Médico, professor, jornalista e político. A dissertação inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto versou sobre *Os Milagres de Lourdes como Terapêutica Psicológica* (1896), em que defendia a autenticidade das curas milagrosas e afirmava que, em certos casos, aconselharia Lourdes aos seus doentes. Especializou-se em Paris em dermatologia e sífilografia (1898). Lecionou na Escola Médico-Cirúrgica, depois Faculdade de Medicina do Porto, de que foi director (1923-1928), e no Instituto Superior do Comércio portuense. Foi governador civil de Viana do Castelo (1910-1911) e governador-geral de Moçambique (1911-1913). Maçon, aderiu ao Partido Republicano Português em 1890, sendo eleito deputado às Cortes em Agosto de 1910. Foi eleito deputado à Assembleia Constituinte em 1911. Expulso do PRP em 1913, viria a aderir ao Partido Centrista Republicano (de Egas Moniz) em 1917 e, em 1918, ao Partido Nacional Republicano (de Sidónio Pais), a cujo directório pertenceu. Foi deputado pelo partido sidonista (1918-1919) e candidato a deputado pelo Partido Nacional Republicano Presidencialista (1921), partido a cuja direcção pertenceu (1924). Ministro e secretário de Estado da Instrução Pública nos governos de Sidónio Pais e Tamagnini Barbosa (1917-1919). Em 1919 interrompeu as lides políticas, regressando à Faculdade de Medicina do Porto. Sob a Ditadura Militar foi nomeado reitor da Universidade do Porto (1926) e ministro da Instrução Pública (1926-1928). Aderiu à União Nacional, presidiu à Câmara Municipal do Porto (1933-1937) e integrou a Câmara Corporativa na I Legislatura (1935-1938). Fundou a revista *Porto Médico* e dirigiu o diário republicano portuense *Pátria* (1910). Fernando Pessoa tinha por ele uma particular aversão, segundo confessou em correspondência particular de 1928 (BARRETO, 2012b: 198).

José Fernandes de Magalhães (1861-1927), conhecido por José de Magalhães. Médico neurologista, psiquiatra e professor. Nascido no Brasil, formou-se em Coimbra em 1886. Lecionou psiquiatria forense e neurologia na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Foi subdirector do Hospital do Conde de Ferreira, com Magalhães Lemos como director. Publicou a tese *O Pessimismo no Ponto de Vista da Psicologia Mórbida* (Lisboa, 1890), apresentada à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e diversos estudos de psiquiatria e neurologia.

Maximiano de Lemos. Maximiano Augusto de Oliveira Lemos (1860-1923). Médico, professor e historiador. Lecionou patologia geral e história da medicina na Escola Médico-Cirúrgica, depois Faculdade de Medicina do Porto, de que foi director (1918-1923). Foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Foi redactor dos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, da *Gazeta dos Hospitais do Porto* e da *Gazeta Médica do Porto*. Publicou vasta obra de história da medicina, destacando-se *História da Medicina em Portugal - Doutrinas e Instituições* (1899), *Amato Lusitano - A sua Vida e a sua Obra* (1907), *Zacuto Lusitano - A sua Vida e a sua Obra* (1909), *Ribeiro Sanches - A sua Vida e a sua Obra* (1911), *Camilo e os Médicos* (1915-1921) e *História da Medicina Peninsular* (1916).

Damião António Peres (1889-1976), conhecido por Damião Peres. Historiador e professor. Concluiu o Curso Superior de Letras de Lisboa, onde poderá ter sido condiscípulo de Fernando Pessoa. Foi professor liceal e lecionou ciências históricas na Faculdade de Letras do Porto (1919-1928) e depois na Faculdade de Letras de Coimbra. Durante a Ditadura Militar, foi director da Faculdade de Letras do Porto (1926-1928). Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa e cofundador da Academia Portuguesa de História. Co-autor de *Noções de História de Portugal* (1923). Fundou e dirigiu a *Revista de Estudos Históricos* (1924). Dirigiu a monumental *História de Portugal* (1928-1954), dita de Barcelos, e publicou *D. João I* (1917), *Como Nasceu Portugal* (1938) e diversas outras obras.

José Dentinho Junior. José António Dentinho Júnior (?-?). Professor liceal e poeta algarvio. Republicano e maçom. Foi reitor da Universidade Popular, uma instituição particular de inspiração maçónica para a divulgação de conhecimentos científicos entre as classes que não podiam frequentar o ensino universitário oficial, que funcionou em Faro em 1923-1924. Publicou *Coisas de Religião para o Povo Ler* (1914) e traduziu *A Arte da Palavra em 12 Lições*, de Berthe Dangennes (1916).

48D-65


Francisco Gomes Pereira - Port.
 Luciano Pereira de Sousa - Contab.
 L. F. Brancos, Garcia -
 A. J. Ferreira da Silva - Port.
 Eduardo Pinheiro -
 Alfredo Miranda -
 A. X. Pereira Coutinho -
 Antunes de Sousa -
 Virgilio Machado - *Rec. do Instituto Miguel Balthazar*
 Com. Julio de Almeida - Fisco de Alentejo
 Virgilio de Andrade -
 Bernardino Machado -
 Pedro Augusto de Aguiar -
 Fco. M. E. Torres Pereira -
 Alfredo de Almeida -
 Anselmo de Andrade -
Antônio da Infancia - Espinha
 Antunes Lourenço de Almeida - Espinha
 Triz Santa Carreira -
 Justino Lourenço Ramos -
 D. Sabina Antunes -
 Manoel da Silva -
 José Carlos da Silva - 

Fig. 6a. BNP/E3, 48D-65r.

San Francisco Aug. Rua Diamante 174 2º apto
Fidelino de Figueiredo
Rafael Aug. e Rua do Amarelo 160-91

"Comunicação de Janeiro" }
"Jornal do Estado" }
"Comunicação de Maio" }
"O Petrolista" } Petróleo

Fig. 6b. BNP/E3, 48D-65.

Luciano Pereira da Silva. Luciano António Pereira da Silva (1864-1926). Matemático, engenheiro militar e historiador de ciência náutica. Professor da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Deputado às Cortes (1901-1903) e governador civil de Lisboa (1909-1910). Publicou numerosas obras de astronomia, ciência náutica e história dos descobrimentos, entre as quais *A Astronomia dos Lusíadas* (1913-1915) e *Os Dois Doutores Pedro Nunes* (1914).

L. F. Marrecas Ferreira. Luís Feliciano Marrecas Ferreira (1851-1928). Engenheiro militar e lente da Escola do Exército, matemático. Professor do Instituto Industrial de Lisboa. Professor e primeiro director (1913) do Instituto Comercial de Lisboa. Engenheiro chefe da 3.^a circunscrição dos Serviços Técnicos da Indústria. Foi o responsável pela expedição científica à Serra da Estrela de 1881.

A. J. Ferreira da Silva. António Joaquim Ferreira da Silva (1853-1923). Químico. Professor da Academia Politécnica do Porto e, a partir de 1911, da Faculdade de Ciências do Porto, de que foi o primeiro director. Monárquico e católico. Sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Fundador da *Revista de Química Pura e Aplicada* (1905). Autor de numerosos trabalhos de investigação e do livro *Ciência e Crenças* (Braga, 1914).

Eduardo Burnay (1853-1924). Médico, professor, político, escritor e jornalista. Licenciado em medicina e bacharel em filosofia. Foi delegado de saúde de Lisboa e professor da Escola Politécnica. Lecionou química e zoologia. Era irmão do banqueiro Henrique Burnay. Foi director político do *Jornal do Comércio* e do *Jornal do Comércio e das Colónias*, propriedade do seu irmão. Deputado às Cortes (1894-1910). Membro e presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos e vogal do conselho fiscal do Banco de Portugal. Monárquico, apoiou Sidónio Pais. Publicou vários opúsculos de interesse científico. Foi o autor do opúsculo anónimo *Sete Anos Depois... A República Nova. Carta ao Senhor Sidónio Pais, Íncrito e Invicto Restaurador da Ordem* (1918).

Alfredo Bensaude (1856-1941). Engenheiro, mineralogista, geólogo, professor e pedagogo. Foi professor do Instituto Comercial e Industrial de Lisboa. Após o 5 de Outubro, instalou o Instituto Superior Técnico, de que foi professor e primeiro director (1911-1921). Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Publicou estudos de cristalografia, mineralogia e geologia, bem como um *Projecto de Reforma do Ensino Tecnológico* (1892) e as *Notas Histórico-Pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico* (1922). Em 1922 regressou aos Açores, sua terra natal, para gerir os negócios da família.

A. X. Pereira Coutinho. António Xavier Pereira Coutinho (1851-1939). Agrónomo e professor do Instituto Geral de Agricultura e da Escola Politécnica (a partir de 1911, Faculdade de Ciências de Lisboa). Autor de numerosos trabalhos de botânica e silvicultura.

Balthazar Osorio. Baltasar Machado da Cunha Osório (1855-1926). Médico cirurgião, zoólogo, historiador e professor. Biólogo evolucionista. Cirurgião dos hospitais do Rego e S. José. Professor da Escola Politécnica e da Faculdade de Ciências de Lisboa e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Dirigiu a secção zoológica do Museu Bocage. Publicou, entre outros estudos históricos, *O Terramoto de Lisboa de 1531* (1919).

Virgílio Machado (1859-1927). Médico e cientista. Foi médico dos hospitais civis de Lisboa e lecionou química no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Em 1903 fundou em Lisboa o Instituto Médico Virgílio Machado, para aplicação da física e da química às operações do diagnóstico. Foi presidente da Academia de Ciências de Lisboa (1918).

Julio de Vilhena. Júlio Marques de Vilhena (1845-1928). Jurista, magistrado, escritor, jornalista e político. Foi deputado às Cortes pelo Partido Regenerador, que chefiou, ministro da Marinha e Ultramar e ministro da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos em governos de Fontes Pereira de Melo, conselheiro de Estado e par do reino, governador do Banco de Portugal, presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa, director de vários jornais e juiz e presidente do Supremo Tribunal Administrativo. A partir de 1910 abandonou a política e dedicou-se aos estudos históricos, tendo publicado, além de obras jurídicas, *Antes da República: Notas Autobiográficas* (1916) e *D. Pedro V e o seu Reinado* (1921). Fernando Pessoa conheceu-o pessoalmente e referiu-se-lhe no diário de 1913.

Visconde de Carnaxide. António Baptista de Sousa (1847-1935), 1.º visconde de Carnaxide. Advogado, jurista, funcionário judicial, administrador de empresas, jornalista, político e poeta. Foi deputado às Cortes pelo Partido Progressista (1884-1893) e eleito par do reino (1894). O título de visconde foi-lhe concedido por D. Carlos em 1898. Publicou diversas obras jurídicas e cinco livros de poesia. Foi director da revista *O Direito* e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Avô do 2.º visconde de Carnaxide, o historiador António Baptista de Sousa Pedroso (1902-1961).

Bernardino Machado. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Professor e político. Estudou filosofia (ciências) e lecionou, entre outras cadeiras, antropologia, na Universidade de Coimbra. Foi deputado às Cortes pelo Partido Regenerador,

eleito par do reino pela sua universidade (1890-1896) e ministro das Obras Públicas no 1.º governo de Hintze Ribeiro (1893). Aderiu ao republicanismo em 1903. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório (1910-1911), embaixador no Rio de Janeiro, presidente do Ministério (1914) e presidente da República (1915-1917). Exilado durante o sidonismo, foi depois eleito senador. Chefiou um governo de curta duração em 1921, perdeu a eleição presidencial de 1923, mas ganhou a de 1925, vindo a ser derrubado pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926. Foi maçom (iniciado em 1874) e grão-mestre da maçonaria (1895-1899).

Pedro Augusto de Azevedo. Pedro Augusto de S. Bartolomeu de Azevedo (1869-1928), conhecido como Pedro de Azevedo. Bibliotecário arquivista, paleógrafo e investigador. Foi conservador (desde 1902) do Arquivo da Torre do Tombo e funcionário (desde 1918) e director interino da Biblioteca Nacional (1927-1928). Sócio da Academia de Ciências de Lisboa (1910).

Francisco Maria Esteves Pereira (1854-1924). Engenheiro militar, filólogo e historiador orientalista, perito em hebraico, árabe, etiópico e sânscrito. Sócio da Academia das Ciências (1922), do Instituto de Coimbra e da Sociedade de Geografia. Publicou e deixou inéditos numerosos estudos orientalistas.

Alfredo da Cunha. Alfredo Carneiro da Cunha (1863-1942). Advogado, jornalista e poeta. Foi director e proprietário do *Diário de Notícias* até 1919, ano em que um escândalo familiar o fez abandonar a direcção e vender o jornal. Amigo de Júlio Dantas, Augusto de Castro e outros expoentes da literatura que os homens do *Orpheu* designavam de “lepidópteros”. Publicou poesia e estudos de história da imprensa e do jornalismo em Portugal, bem como ensaios sobre Gil Vicente, Camões e Camilo Castelo Branco. Entre as suas obras poéticas, destacam-se: *Endeixas e Madrigais* (1891), *Versos* (dois vols., 1900 e 1912), *Ditames e Ditérios* (3 vols., 1929-1931) e *Cem Sonetos de Amor* (1930). Fernando Pessoa desprezava a sua poesia, assim como a do seu pai, José Germano da Cunha, e a do seu filho, José Coelho da Cunha – três gerações de autores reunidos, aliás, no volume familiar *Versos para Gente Moça*, de 1913. Quando da publicação, neste mesmo ano, do livro *Canções da Terra*, de José Coelho da Cunha, Fernando Pessoa escreveu o texto “Distinto poeta”, arrasador não só do seu autor, mas de toda a família (133B-32, ainda inédito).

Anselmo de Andrade. Anselmo José Franco Assis de Andrade (1844-1928). Economista, grande proprietário agrícola, escritor, jornalista, professor e político. Bacharel em direito. Administrou as suas propriedades alentejanas e foi presidente da Câmara Municipal de Beja. Fundou a Companhia da Ilha do Príncipe. Aderiu ao Partido Progressista, cujo órgão dirigiu (*Correio da Noite*). Foi deputado à Cortes

(1887-1895) e ministro dos Negócios da Fazenda no governo Regenerador de Hintze Ribeiro, em 1900, e novamente em 1910, no último governo da monarquia, presidido por Teixeira de Sousa. Foi director do Instituto de Agronomia e preceptor do príncipe D. Manuel. Após 1910 abandonou a política activa e, mais tarde, foi vice-presidente da Cruzada Nun'Álvares. Publicou os estudos *Portugal Económico* (1902), *A Evolução da Moeda* (1923) e *Economia e Finanças Nacionais Contemporâneas* (1926), que influíram sobre a nova geração de economistas, nomeadamente Salazar, cujo "valor científico" elogiou.

Anthero de Figueiredo (1866-1953). Escritor. Frequentou medicina em Coimbra, onde conheceu António Nobre, Agostinho de Campos e Eugénio de Castro. Em 1891, depois de ter viajado pela Europa e Estados Unidos, inscreveu-se no Curso Superior de Letras de Lisboa, em que obteve a licenciatura. Republicano conservador e católico, foi dirigente do Partido Evolucionista, que abandonou em 1917. Nos anos 20 aderiu à Cruzada Nun'Álvares, de cuja direcção provincial do Douro (1921) e nacional (1925) foi vogal. Atraído pelas ideias políticas do conspirador fascizante Filomeno da Câmara, foi um dos conspiradores civis do golpe militar de 28 de Maio de 1926. Autor de uma obra literária de fundo ruralista, nacionalista e místico, popular em Portugal e no Brasil. Publicou relatos de viagens, como *Jornadas de Portugal* (1919) e *Espanha* (1923), novelas, biografias históricas e obras de carácter religioso, como o livro *Fátima. Graças, Segredos, Mistérios* (1936).

Bento Carqueja. Bento de Sousa Carqueja (1860-1935). Jornalista, professor, escritor e empresário. Director e co-proprietário do jornal *Comércio do Porto*. Completou o curso superior de agricultura na Academia Politécnica do Porto. Lecionou agricultura, ciências físicas, economia política e contabilidade, sucessivamente na Escola Normal do Porto, Academia Politécnica, Faculdade de Ciências e Faculdade Técnica do Porto. Promoveu a instrução agrícola. Fez parte da Liga Patriótica do Norte (1890), presidida por Antero de Quental. Monárquico e amigo do bispo do Porto D. António Barroso, manteve-se sempre afastado da vida política, tendo recusado integrar governos republicanos. Pertenceu à Liga Nacional (1915). Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Publicou *A Liberdade de Imprensa* (1893), *O Futuro de Portugal* (1900), *O Povo Português* (1916), *Política Portuguesa* (1925), entre outras obras.

Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974). Filólogo, professor e político. Especialista de literatura alemã, lecionou na Faculdade de Letras de Lisboa. Católico conservador e germanófilo, foi simpatizante do fascismo e do nazismo. Foi ministro da Instrução Pública em governos da Ditadura Militar (1928-1929 e 1930-1933) e do Estado Novo (Abril a Junho de 1933). Como procurador à Câmara

Corporativa, foi um dos autores do parecer sobre a lei antimaçónica de 1935. Em 1933, no jornal *A Revolução*, Augusto Ferreira Gomes tentou, sem êxito, pressionar o então ministro de Instrução para que o poema “Mar Português” de Fernando Pessoa fosse adoptado nas selectas do ensino.

Sabino Coelho. Sabino Maria Teixeira Coelho (1853-1938). Médico cirurgião, ginecologista, zoólogo e higienista. Professor da Escola Politécnica, onde leccionou zoologia, e da Escola-Médico-Cirúrgica, depois Faculdade de Medicina de Lisboa, onde leccionou cirurgia e patologia externa. Trabalhou com Ricardo Jorge no Instituto Central de Higiene, onde teve a seu cargo a higiene industrial. Foi director de enfermaria no Hospital de S. José, onde dirigiu Beatriz Ângelo, a primeira mulher a efectuar uma cirurgia em Portugal. Vereador da Câmara Municipal de Lisboa (1904-1908). Sócio da Academia Real das Ciências. Teve o título de conselheiro e foi deputado pelo Partido Regenerador (1904-1910), mas a sua carreira política terminou com o advento da república.

Manuel da Silva Gayo (1860-1934). Poeta, dramaturgo, romancista, jornalista, crítico e ensaísta. Filho do escritor Silva Gaio (António de Oliveira da Silva Gaio). Bacharel em direito, foi funcionário administrativo, secretário do Liceu de Coimbra (1895) e secretário da Universidade de Coimbra (1900-1928). Colaborou no jornal *Novidades*, dirigido por Emídio Navarro. Foi convidado por Eça de Queirós para secretariar a *Revista de Portugal* (1889) e dirigiu com Eugénio de Castro a revista *Arte* (1895). Neo-romântico lusitanista, influenciado por António Nobre, defendia a criação de uma poesia nacionalista e regionalista, revelando afinidades com António Correia de Oliveira, Augusto Gil e Afonso Lopes Vieira. Publicou poesia, romances, dramas e ensaios biográficos e literários. O seu estudo *Da Poesia na Educação dos Gregos* (1917) foi elogiado por António Sardinha, o que reflecte a admiração que a sua obra granjeou nos círculos monárquicos integralistas.

José Caeiro da Matta (1877-1963). Jurista, professor, político e diplomata. Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1906-1919) e da Faculdade de Direito de Lisboa. Foi deputado às Cortes pelo Partido Regenerador (1908-1910), envolvendo-se em duelos com Afonso de Espregueira e Moreira Júnior, episódios que desprestigiaram a agonizante monarquia. Após o 5 de Outubro, abandonou a política e dedicou-se exclusivamente à docência. Iniciado na maçonaria em 1910, abandoná-la-ia mais tarde, aproximando-se dos meios católicos, nacionalistas e conservadores. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros no início do Estado Novo (1933-1935), ingressando depois na carreira diplomática, para voltar ao governo só após a segunda guerra mundial. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

João Marcellino Arroyo (1861-1930). Jurista, professor, político, músico e escritor. Professor catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra. Deputado pelo Partido Regenerador desde 1884 e par do reino desde 1902. Foi cofundador, no Porto, do *Jornal de Notícias* (1888). Foi ministro da Marinha e Ultramar e da Instrução Pública e Belas Artes (1890) e ministro dos Negócios Estrangeiros (1900-1901). Opôs-se ao governo de João Franco e atacou o rei D. Carlos em violentos discursos na Câmara dos Pares. Nomeado embaixador em Paris na véspera do 5 de Outubro de 1910, já não ocupou o cargo. Após a revolução, foi demitido de professor, embora alguns o considerassem um dos culpados pela queda da monarquia. Publicou estudos jurídicos e vários volumes de discursos parlamentares. Também se dedicou às letras (poesia e teatro) e à música, escrevendo composições para piano e canto e as óperas *Amor de Perdição* e *Leonor Teles*. Fundou e dirigiu, ainda estudante, o Orfeão Académico de Coimbra (1880). Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Era irmão de António Arroio e José Diogo Arroio.

Fidelino de Figueiredo. Fidelino de Sousa Figueiredo (1889-1967). Professor, historiador, ensaísta, crítico literário e político. Licenciado em ciências histórico-geográficas pelo Curso Superior de Letras de Lisboa (1910). Foi professor liceal, funcionário do Ministério da Instrução Pública e director, por duas vezes, da Biblioteca Nacional (1918-1919 e 1927). Fundou e dirigiu a *Revista de História* (1912-1917). Especializou-se em história literária. Sidonista, foi eleito deputado em 1918. Foi uma das principais figuras do abortado “Golpe dos Fifis” (Agosto de 1927), tentativa liderada pelo comandante Filomeno da Câmara, que pretendia orientar a Ditadura Militar num sentido fascizante. Exilou-se então no estrangeiro, exercendo funções docentes em várias universidades de Espanha, Estados Unidos e Brasil. Publicou obras de história e crítica literária e ensaios históricos e políticos, nomeadamente *A Crítica Literária como Ciência* (1912), *História da Literatura Clássica* (1917-24), *Estudos de Literatura* (1917-1951), *O Pensamento Político do Exército* (1926), *Notas para um Idearium Português: Política e Literatura* (1929), *Motivos de Novo Estilo* (1930, de que a biblioteca particular de Fernando Pessoa possui um exemplar), *As Duas Espanhas* (1932) e *Menoridade da Inteligência* (1933).

Antonio Arroyo. António José Arroio (1856-1934). Engenheiro, funcionário da Direcção de Obras Públicas, professor, inspector do ensino elementar industrial e comercial (1890-1926) e político. Integrou como delegado técnico industrial a comissão portuguesa da Exposição Universal de Paris (1900). Foi crítico de arte e de música, promovendo a obra de Wagner em Portugal. Colaborou em *A Águia* e foi um assíduo frequentador das tertúlias da Biblioteca, em Lisboa. Destacou-se como promotor do ensino artístico, tendo postumamente sido dado o seu nome à Escola Industrial António Arroio de Artes Aplicadas, em Lisboa. Cofundador da Liga de Educação Nacional. Deputado eleito pelo Partido Regenerador em 1890.

Era irmão de João Marcelino Arroio e José Diogo Arroio, também eles deputados às Cortes e ligados ao meio artístico. Após o 5 de Outubro, não teve acção política, mas foi autor de um projecto para a bandeira da República Portuguesa, que foi rejeitado. Publicou, entre várias outras obras, *Notas sobre Portugal*, vol. II (1908), *A Viagem de Antero de Quental à América do Norte* (1916) e *Singularidades da Minha Terra (na Arte e na Mística)* (1917), os dois últimos editados pela Renascença Portuguesa.

C. E. Moitinho d'Almeida - Rua da Prata, 71, 1ª, Lisboa.
 Augusto Franco - Rua de S. Julião, 52, 1ª, Lisboa.
 Albano da Silva - Rua de S. Julião, 52, 1ª, Lisboa.
 João Rebello da Silva - Rua da Prata, 71, 1ª, Lisboa.
 Augusto Ferreira Gomes - Largo do Corpo Santo, 13, 2ª, dto., Lisboa.
 Geraldo Coelho de Jesus -
 Antonio Bento Coelho de Jesus - Praça Duque de Saldanha, 28, Lisboa.
 Engenheiro Raul da Costa - (F. Pessoa)
 Tenente Mario Freitas - Largo do Figueiredo, 1, r/c, dto., Belem, Lxª
 Alvaro de Sousa -
 Francisco Manuel Cabral Metello - Rua da Fabrica das Sedas, 23, Lisboa
 Dr. Jayme Neves - Rua Nova do Almada, 11, 2ª, Lisboa.
~~Commandante~~ Antonio Pinheiro Silvano - Avenida Casal Ribeiro,
 35, 1ª, Lisboa.
 Jorge Nogueira Silvano - Rua José Estevam, 131, 1ª, Lisboa.
 Armando Teixeira Rebello - Banco do Minho, Rua Aurea, Lisboa.
 Carlos Celestino Corado - Rua do Carrião, 5, 2ª, Lisboa.
 Victoriano Feyo Braga - Rua de S. Bento, 354, 3ª, Lisboa.
 Adriano del Valle - Castelar, 16, Huelva, España.
 Rogelio Buendía (Dr.) - Castelar, 6, Huelva, España.
 Jeronymo Braga de Carvalho - Rua Palmyra, 3, 2ª, Lisboa.
 Dr. João Cambozas - Villa Nova da Estephania, 20, 1ª, dto., Lisboa.
 Dr. J. M. Duarte Ferreira -
 Prof. Dr. José Lobo d'Avila Lima - Rua de D. Pedro V., 109, 1ª, Lxª.
 Dr. Fernando Lobo d'Avila Lima - Rua de D. Pedro V., 109, 1ª, Lisboa.
 Manuel Lobo d'Avila Lima - Rua da Victoria, 53, 2ª, Lisboa.
 José Baptista d'Araujo - Rua dos Bacalhoados, 73, 1ª, Lisboa.
 Dr. Fernando Waddington - Rua Barata Salgueiro, 37, 2ª, dto., Lisboa.
 João Nascimento - Rua Vieira da Silva, 60, 3ª, dto., Lisboa.
 Julião Senna - Rua Pinheiro Chagas, 20, 1ª, esq., Lisboa.
 Ricardo Santos -
 D. Judith Teixeira - Av. Antª Angª de Aguiar, 38, 4ª, Lisboa.
 Dr. Antonio de Sêves - Rua Nova do Almada, 59, 2ª, Lisboa.
 Dr. Amílcar Ramada Curto - Rua Nova do Almada, 59, 2ª, Lisboa.
 Dr. José Gonçalves Cotta -
 Dr. Alberto Da Cunha Dias -
 Dr. Francisco Fernandes Lopes Jr. - Olhão.
 Dr. José Dentinho Jr. - Faro.
 Dr. Americo Cortez Pinto - Lairia.
 Luiz da Silva Ramos - Largo do Corpo Santo, 13, 2ª, dto., Lisboa.
 Dr. Cesar Porto - Avenida Almirante Reis, 60, 2ª, dto., Lisboa.
 Alberto Van Noortre de Telles-Achado - Ladeira do Seminario, 8,
 Coimbra.
 José Celestino Soares - Avenida Duque d'Avila, 112, 4ª, Lisboa.
 Eng. José Coelho Pacheco - Praça Duque de Saldanha, 29, Lisboa.
 Julio Moura - Rua de S. Julião, 52, 1ª, Lisboa.
 Armando Côrtes-Rodrigues - Professor do Lyceu - Angra do Heroismo,
 Ilha Terceira, Açores.
 Celestino Rocha - Professor do Lyceu - Angra do Heroismo, Ilha Ter-
 ceira, Açores.
 Israel Anahory - Consul do Portugal - Cotte (France).
 Dr. Luiz Vieira de Castro - Funchal, Madeira.
 Dr. Mario d'Artagão - Avenida da Republica, 77, Lisboa.
 Eng. João Azev - Rua da Imprensa Nacional, 77, r/c, esq., Lisboa.
 Fernando Bravo - Largo do Corpo Santo, 13, 2ª, xxx. dto., Lisboa.
 Alvaro Netto - Rua Antonio Faria, G.C., 28, Lisboa.
 Commandante Alvaro Martha - Av. Elias Garcia, 13, r/c, dto., Lisboa.

Fig. 7. BNP/E3, 75-71v e 71a.

C. E. Moitinho d'Almeida. Carlos Eugénio Moitinho de Almeida (?-?). Comerciante, proprietário da firma de comissões e consignações Moitinho d'Almeida Limitada, sita na Rua da Prata, 71, 1º, para a qual Fernando Pessoa trabalhou longos anos como correspondente de língua inglesa e francesa. Terá inspirado a figura do “patrão Vasques” do *Livro do Desassossego*. Foi, nos anos 20, o primeiro agente da Coca-Cola em Lisboa, para a qual Fernando Pessoa criou o slogan “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”, que terá contribuído para a proibição da bebida pelas autoridades sanitárias portuguesas. Pai de Luís Pedro Moitinho de Almeida, advogado e poeta, amigo de Fernando Pessoa. Publicou *O Tabaco, Vício Brando e Útil* (Rotary Club de Lisboa, 1931), de que ofereceu um exemplar, com dedicatória, ao “seu presado amigo Fernando Pessoa.” De acordo com uma anotação manuscrita feita nesse exemplar por um familiar, terá sido Pessoa o autor do texto, a pedido de C. E. Moitinho de Almeida, segundo o poeta terá revelado à sua irmã Henriqueta Madalena.

Augusto Franco. Augusto Cisneiros Franco (?-?). Amigo de Fernando Pessoa e sócio, com Albano da Silva e Júlio Moura, da Companhia União do Príncipe, sita na Rua de S. Julião, 52, 1º, o mesmo endereço da firma F. N. Pessoa (Ferreira, 2005: 189). É citado por Pessoa nos diários de 1913 e 1915. Listado por Pessoa como possível subscritor do capital da Olisipo (144G-42^r).

Albano da Silva (?-?). Sócio, com Augusto Franco e Júlio Moura, da Companhia União do Príncipe, sita na Rua de S. Julião, 52, 1º, o mesmo endereço da firma F. N. Pessoa.

João Rebello da Silva (?-?). Comerciante no mesmo endereço da Baixa que C. E. Moitinho d'Almeida. Amigo de Augusto Ferreira Gomes e de Fernando Pessoa (BNP/E3, 271).

Augusto Ferreira Gomes (1892-1953). Jornalista, escritor, poeta e astrólogo. Pertenceu ao grupo do *Orpheu*, revista para cujo n.º 3 contribuiu com um poema. Amigo próximo de Fernando Pessoa, de quem terá sido sócio, em 1917-1918, na firma de comissões e consignações F. A. Pessoa, da qual também terá sido sócio Geraldo Coelho de Jesus. O seu nome aparece associado ao grupo político Núcleo de Acção Nacional, em cujo nome foi editado um seu livro de poesia (*Procissional - Poemas*, 1921). Foi colaborador do jornal sidonista *Acção* (1919-1920), órgão do referido Núcleo de Acção Nacional, de que Pessoa foi o principal articulista. Foi redactor principal do jornal *Portugal*, órgão de uma efémera Acção Nacionalista (quatro números, 1923), bem como redactor do diário *A Informação* (1926) de F. Homem Cristo Filho, do diário *Revolução* (1931-1933), órgão do Movimento Nacional-Sindicalista (onde em 1933 promoveu a publicação dos doze poemas de

“Mar Português”, de Fernando Pessoa) e do *Diário da Manhã* (iniciado em 1931), órgão da União Nacional. Dirigiu a revista *Fama* (1932-1933), que teve colaboração de Pessoa. Colaborou em numerosos outros jornais e revistas. Republicano, sidonista e nacionalista, foi um apoiante do Estado Novo. Publicou o livro de poesia *Quinto Império* (1934), com prefácio de Pessoa. Dedicou o seu livro *No Claro-Escuro das Profecias* (1941) à memória do “astrólogo Fernando Pessoa”.

Geraldo Coelho de Jesus (1887-?). Engenheiro. Em 1916 era director técnico da Fábrica Metalúrgica do Lumiar, cargo que deixou em princípios de 1918. Em 1919 era administrador das Minas de Porto de Mós. Teve também uma firma de comércio automóvel em nome individual (15B⁴-51^v). Amigo de Fernando Pessoa desde pelo menos 1913, terá sido sócio (com Augusto Ferreira Gomes) da firma F. A. Pessoa em 1917-18 (Lencastre, 2005: 18). Tio de José Coelho de Jesus Pacheco (José Coelho Pacheco), também amigo de Pessoa e colaborador, com um poema, do *Orpheu* n.º 3. Foi o director do jornal sidonista *Acção* (1919-20) de que Pessoa foi o principal colaborador. Publicou *Bases para um Plano Industrial* (1919) no jornal *Acção* e em opúsculo do Núcleo de Acção Nacional, este oferecido a Fernando Pessoa com dedicatória do autor. Republicano e sidonista.

Antonio Bento Coelho de Jesus (?-?). Parente (irmão?) de Geraldo Coelho de Jesus. Figura, sob o nome de António Coelho de Jesus, na lista de possíveis subscritores da *Olisipo* (144G-42^r). É citado num documento do espólio de Fernando Pessoa (28-15) como sendo credor, em 1918, da firma F. A. Pessoa.

Raul da Costa. Raul Soares da Costa (1890-?). Engenheiro naval, marido de Maria Nogueira de Freitas, prima de Fernando Pessoa (filha da tia Anica). Fernando Pessoa anotou os seus dados para fins astrológicos (S6-52^v).

Mario Freitas. Mário Nogueira de Freitas (1891-1932). Primo de Fernando Pessoa (filho da Tia Anica), que com ele participou nos empreendimentos falhados das firmas Íbis e *Olisipo*. Director ou sócio das firmas M.N. de Freitas, Agência Mineira Anglo-Portuguesa (92D-78^v), Agência Internacional de Minas e Félix, Valladas & Freitas, para as quais Pessoa trabalhou de forma intermitente. Foi também tenente miliciano do Serviço de Administração Militar.

Alvaro de Sousa (?-?). Sem morada nem outra referência.

Francisco Manuel Cabral Metello. Francisco Manuel Cabral Metelo de Vasconcelos (1893-1982). Fidalgo e escritor diletante. Filho do conselheiro Francisco Cabral Metelo, que foi deputado às Cortes e ministro da monarquia. Amigo de Fernando Pessoa e António Botto. Colaborou na revista *Contemporânea* (n.º 6,

Dezembro de 1922). Publicou a novela *Sáchá. Comentários à Vida Moderna* (1923), sobre a qual Pessoa publicou “Carta ao autor de *Sáchá*” (*Contemporânea*, nº 8, Fevereiro de 1923), falando da “personalidade decorativamente rica (...), fútil, feminil, escandalosamente europeia” do autor. Também em 1923, Cabral Metelo publicou o livro de textos satíricos intitulado *Entrevistas*, contendo em apêndice um texto da autoria de Fernando Pessoa e outro de Aquilino Ribeiro. Um dos textos dialogados desta obra, intitulado “A Praga” (pp. 65-69), contém alusões aos livros que nesse mesmo ano tinham causado escândalo e sido apreendidos pelas autoridades, nomeadamente *Sodoma Divinizada* de Raul Leal e *Decadência* de Judith Teixeira. No espólio de Fernando Pessoa há duas cópias de cartas a Francisco Cabral Metelo datadas de Agosto e Outubro de 1923 (114²-86 e 87). A biblioteca particular de Pessoa conserva as obras *Sáchá* e *Entrevistas* com dedicatórias do autor

Antonio Pinheiro Silvano (1871-1936). Oficial da Armada. Filho de uma tia-avó materna de Fernando Pessoa. No seu horóscopo (S6-55^r), Pessoa utilizou a data de nascimento de 28 de Junho de 1871 e o local de nascimento Angra de Heroísmo.

Jorge Nogueira Silvano (?-?). Parente de Fernando Pessoa pelo lado materno.

Victoriano Feyo Braga. Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga (1888-1940), conhecido por Vitoriano Braga. Funcionário da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, dramaturgo e fotógrafo amador. Era primo afastado de Fernando Pessoa, a quem foi apresentado em 1913 por Boavida Portugal (diário de Pessoa de 1913, dia 27 de Fevereiro). Autor de várias peças levadas à cena lisboeta, como *Octávio* (escrita em 1913 e representada em 1916), *O Milagre* e *A Casaca Encarnada* (1922), três dramas que Pessoa planeava editar na Olisipo (137A-22^r). A peça *Octávio*, de que o espólio pessoano conserva uma cópia manuscrita assinada pelo autor, foi objecto de uma tentativa de tradução para inglês por Pessoa, que deixou traduzidas algumas falas da primeira cena do primeiro acto (74-75) e notas para a tradução de outras partes. O drama, arrojado no seu tratamento de questões como o casamento de conveniência e a homossexualidade, causara celeuma e acusações de escabrosidade. O interesse de Pessoa por essa obra, “notável entre a multidão nula das peças modernas, sejam de que nação forem” (PESSOA, 1967: 87), foi notório, chegando a esboçar um artigo de crítica altamente elogioso. Como fotógrafo amador, foi autor de alguns dos melhores retratos de Fernando Pessoa, bem como de Santa-Rita Pintor, Luís de Montalvor e Almada Negreiros. Existe também um retrato de Vitoriano Braga na companhia de Fernando Pessoa. Da comédia *Inimigos* (representada em 1926 e editada em 1927) ofereceu um exemplar dedicado a Fernando Pessoa, assinando “do seu primo muito amigo e admirador, Victoriano”.

Adriano del Valle (1895-1957). Poeta espanhol. Publicou poesia e prosa na revista *Contemporânea*: “Haikais” (n.º 4, 1922) e “Isaac del Vando-Villar en siete colores” (n.º 10, 1924). Conheceu Pessoa em Lisboa em 1923, durante a sua viagem de núpcias em Portugal, e correspondeu-se largamente com ele em 1923-1924. Publicou em 1923 no jornal sevilhano *La Unión* um largo excerto de uma carta de Pessoa com comentário ao livro de poemas *La Rueda de Color*, de Rogelio Buendía (SÁEZ DELGADO e PIZARRO, 2014).

Rogelio Buendía (1891-1969). Médico e poeta espanhol, integrado, como Adriano del Valle, no espírito do movimento “ultraísta”. Publicou o poema “Canción de España a Portugal” revista *Contemporânea* (n.º3, 1922). Correspondeu-se em 1923 com Fernando Pessoa, de quem traduziu, nesse mesmo ano, cinco “Inscriptions”, do livro *English Poems* (1921), para o jornal de Huelva, *La Provincia*, sendo o primeiro e único tradutor de poesia de Pessoa em vida deste. Pessoa tinha na sua biblioteca pelo menos dois livros seus, oferecidos com dedicatórias, a novela *La Dorada Mediocridad* e o livro de poesia *La Rueda de Color*, ambos de 1923.

João Botto de Carvalho (1900-1960). Advogado. Foi director da revista *Imagem – Tribuna Livre de Cinema* (1928). Esteve ligado aos inícios da actividade radiofónica em Portugal e em 1930 era sócio-gerente da Sociedade Geral de Filmes. Amigo de Florbela Espanca, de quem foi colega na Faculdade de Direito em 1918. Era republicano, foi colaborador do jornal *O Mundo* e, mais tarde, deputado à Assembleia Nacional do Estado Novo (1938-1942). Autor de *Sol Poente* (1919), *Paraíso Perdido – Conferência Acerca do Divórcio* (1936), e *José Maria d’Eça de Queiroz e Aquela Senhora Nua que Dizem Ser a Verdade* (1946?). Amigo de Fernando Pessoa, acompanhou o seu funeral.

João Camoegas. João José da Conceição Camoesas (1887-1951). Médico, funcionário público, professor, jornalista e político. Começou como caixeiro e cursou medicina tardiamente (1919-1925). Foi chefe da repartição de higiene da Câmara Municipal de Lisboa, vogal do conselho de administração da Caixa Geral de Depósitos, médico escolar e professor do Instituto de Orientação Profissional. Republicano, participou na revolta de 14 de Maio de 1915 e foi deputado por Elvas e por Portalegre, nas listas do Partido Democrático, de 1915 a 1926. Dirigiu a revista *Eh Real!* (n.º único, 13 de Maio de 1915), para a qual Fernando Pessoa contribuiu com o artigo “O Preconceito da Ordem” e dois *sueños* anónimos. Foi ministro da Instrução em 1923 e em 1925. Celebrizou-se em 1925, por ter discursado no parlamento durante nove horas consecutivas, para garantir a chegada de deputados pró-governamentais. Como ministro, apresentou em 1923 uma proposta de lei sobre a reorganização da educação nacional, elaborada por António

Faria de Vasconcelos e António Sérgio, primeira tentativa de sistematização de uma lei de bases da educação portuguesa, que não chegou a ser aprovada, devido à queda do governo. Publicou *O Trabalho Humano* (1927) e outros estudos pioneiros em Portugal sobre o taylorismo e a organização científica do trabalho. Deportado para Angola em 1932, conseguiu exilar-se nos EUA, onde exerceu medicina. Foi iniciado na maçonaria em 1911, em Elvas. Amigo de Pessoa, foi listado por ele como possível subscritor do capital da Olisipo (144G-42^v). Pessoa fez o seu horóscopo em 1915, prevendo que ele morreria aos 63 anos (144X-70^v).

J. M. Duarte Ferreira. Joaquim Manuel Duarte Ferreira (?-?), advogado (?). Foi o administrador da revista *Eh Real!* (n.º único, 13 de Maio de 1915). Foi governador civil de Portalegre em 1925 (Celestino Soares, também amigo de Pessoa, foi governador civil do mesmo distrito no ano seguinte, sendo João Camoesas então deputado por Portalegre). Listado por Fernando Pessoa como possível subscritor do capital da Olisipo (144G-42^v).

Fernando Lobo d'Avila Lima. Fernando Lobo de Ávila Silva Lima (?-?) foi médico, professor liceal e pedagogo. Irmão de José Caetano Lobo de Ávila da Silva Lima, com quem esteve preso após a rebelião monárquica de Outubro de 1913, e de Manuel Lobo de Ávila Lima. Foi o introdutor em Portugal dos trabalhos manuais nos liceus e director dos cursos de trabalhos manuais do Liceu Pedro Nunes. Autor de *Pel'A Escola* (1932), de que Fernando Pessoa possuía um exemplar dedicado pelo autor, seu "amigo velho". Também Pessoa lhe chama "velho amigo" no artigo "O que um americano fez em Portugal" (revista *Fama*, n.º 4, 10 de março de 1933), relatando a fundação de uma colónia infantil em S. João do Estoril por um milionário americano, iniciativa em que Fernando de Ávila Lima esteve directamente envolvido.

Manuel Lobo d'Avila Lima (?-?). Comerciante. Sócio da firma Frederico Ferreira & Avila Lda. (Pessoa utilizou o verso de uma circular comercial desta firma, 137B-35b, datada de 1919), de que era sucursal a firma de importação e exportação M. Avila Lima, sita na Rua da Vitória, n.º 53, 2.º (Pessoa usou dois tipos de papel timbrado desta firma em 55-68 e seguintes e em 46-19 a 20, datáveis da segunda metade dos anos 20). Sobre a colaboração de Pessoa para estas firmas em 1917-1920 e 1926-1928, ver SOUSA (2010: 46-47). Irmão de José Caetano Lobo de Ávila da Silva Lima e de Fernando Lobo de Ávila da Silva Lima, ambos presentes nestas listas.

José Baptista d'Araujo (?-?). Morada: Rua dos Bacalhoeiros, 72, 1.º, Lisboa.

Fernando Waddington (?-?). Médico. Sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica (1931). Publicou *Esfalfamento cerebral (nas escolas)* (1907).

João Nascimento (?-?). Morada: Rua Vieira da Silva, 80, 3.º, dto., Lisboa.

Julião Senna (1891-1952). Engenheiro. Publicou vários livros sobre motores e electricidade.

Ricardo Santos (?-?). Foi colaborador da revista *Teatro* em 1913, sendo mencionado por Fernando Pessoa no diário desse ano.

Judith Teixeira. Judite dos Reis Ramos Teixeira (1880-1959). Poetisa. Foi directora e editora da revista *Europa* (três números, 1925). Publicou *Decadência. Poemas* (1923), *Castelo de Sombras. Poemas* (1923), *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), *De Mim. Conferência* (1926) e *Satânia. Novelas* (1927). Em Fevereiro de 1923, pouco após a publicação do seu livro *Decadência* bem como de *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, o governador civil de Lisboa, pressionado pela Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa e pela imprensa católica, mandou apreender essas obras além da 2ª edição de *Canções* de António Botto, publicada em 1922 pela Olisipo, e de outros livros de autores nacionais e estrangeiros, entre os quais *La Garçonne*, de Victor Marguerite (1922). Em 1926, na revista *Ordem Nova*, Marcelo Caetano evocaria o caso, chamando “desavergonhada” a Judith Teixeira e congratulando-se por esses livros terem sido apreendidos e “cremados”.

Antonio de Sèves. António Seves de Oliveira (1895-1970). Advogado, diplomata, escritor e crítico. Listado por Fernando Pessoa como possível subscritor do capital da Olisipo (144G-42^r). Referindo-se ao seu livro de contos regionais *Leomil* (1921), Pessoa descreveu o autor como um “escritor novo, de grande valor, que neste seu primeiro livro faz um regionalismo curioso” (carta a Adriano del Valle de 1 de Junho de 1924). Colaborou na revista *Contemporânea*. Monárquico, integralista e dirigente da Causa Monárquica, acedeu à carreira diplomática em 1927 (depois de em 1923 não ter sido admitido) e foi nos anos 50 nomeado lugar-tenente do pretendente ao trono.

Americo Cortez Pinto (1896-1979). Médico e poeta. Foi médico escolar em Leiria e inspector de saúde escolar. Monárquico, católico, dirigente distrital da União Nacional em Leiria, vindo mais tarde a ser deputado (1949-1957). Foi também membro da Comissão de Literatura e Espectáculos Infantis e da Comissão de Classificação de Espectáculos. Publicou na juventude vários livros de poesia, entre os quais *Lágrimas e Sorrisos* (1912), depois repudiado, *Senhora da Renúncia* (1918) e *Poema da Tentação* (1922). No âmbito da saúde escolar, publicou *Os Perigos da Castidade* (1939), ensaio em prol da total abstinência sexual dos jovens, alertando contra a “loucura masturbatória” da adolescência.

Luiz da Silva Ramos. Luís Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos (1891-1947), conhecido como Luís de Montalvor. Poeta, ensaísta e editor. Republicano, foi secretário do embaixador Bernardino Machado no Brasil (1913-15). Cultor de uma poesia predominantemente decadentista-simbolista, foi um dos fundadores *Orpheu*, de que deu a ideia e o nome e para cujo n.º 1, nominalmente dirigido por si e pelo seu amigo Ronald de Carvalho, escreveu o editorial “Introdução”. Fundou em 1916 a revista *Centauro*. Colaborou nas sucessivas revistas *Exílio*, *Contemporânea*, *Athena*, *Seara Nova*, *Presença*, *Sudoeste* e *Cadernos de Poesia*. Divulgou a poesia inédita de Camilo Pessanha. Dirigiu a obra monumental *História do Regime Republicano em Portugal* (1930-1932). Viria a fundar a editorial Ática (1942), onde encetou a publicação das obras de Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Proferiu o elogio fúnebre de Fernando Pessoa junto do seu jazigo.

Cesar Porto (1873-1944). Jornalista, professor, pedagogo, ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e tradutor. Licenciou-se em antropologia em Paris. Com Adolfo Lima, Emílio Costa e outros foi animador do movimento “Escola Nova” em Portugal. A partir de 1914 dirigiu a Escola Oficina n.º 1, fundada em 1905, que procurava pôr em prática uma pedagogia inovadora, num quadro de educação racional, mista, experimental e participativa. Foi cofundador, com Adolfo Lima e outros, do Grémio de Educação Racional (1909), inspirado nos princípios pedagógicos de Ferrer. Foi também professor da Escola-Teatro e administrador do Teatro Juvénia. Republicano, maçom e próximo do movimento libertário, colaborou em numerosos periódicos desse quadrante, entre eles *A Vida* (Porto, 1905-1910), as revistas *Lúmen* (1911-1913) e *Educação* (1913), o diário *A Batalha* e a revista *Educação Social* (1924-25). Publicou poesia, romances, peças de teatro e ensaios de temas científicos, astrológicos e políticos. Visitou a Rússia a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino, publicando depois o artigo “A Pedagogia soviética” (*Educação Social*, 1927) e o livro *A Rússia Hoje e Amanhã: Uma Excursão ao País dos Soviotes* (1929). Foi preso em 1927 por pertencer à Associação dos Professores de Portugal, conotada com o anarquismo e o comunismo. Fernando Pessoa possuía na sua biblioteca cinco obras do autor, todas com dedicatórias posteriores a 1915: *O Impossível Regresso – Episódio* (1903), a peça *Tragédia Antiga* (representada em 1903), o romance *O Refúgio* (1912), o romance *O Inverno* (1917) e o ensaio *Transformisme et hérédité* (Lisboa, 1935).

Alberto Van Hoertre de Telles-Machado. Alberto de Utra Teles Machado (1897-?). Assinava por vezes Alberto de Hutra. A forma *de Utra* é o aportuguesamento mais comum de *van Hurtere*, apelido de flamengos povoadores do Faial. Artista plástico e poeta. Numa carta de 7 de Outubro 1924, Pessoa pediu-lhe colaboração literária para a revista *Athena*. Publicou, de facto, no n.º 4 dessa revista o texto “Prólogo e

Oração sobre a Montanha” (pp. 193-196). Expôs na 4.^a exposição organizada pela revista *Contemporânea* (1923). Cofundador com Afonso Duarte, Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Vitorino Nemésio e outros da revista pré-presencista *Tríptico – Arte. Poesia. Crítica* (Coimbra, 1924-1925), para a qual contribuiu com ilustrações. Contribuiu com “Karma” para a *Contemporânea* n.º 7 (1923), assinando Alberto Wanhoertre de Telles-Machado, e com “Rimance” para a *Presença* n.º 7 (1927) assinando Alberto de Hutra. Mário Saa refere-se-lhe em *A Invasão dos Judeus* como “desenhador”, com o nome completo que Pessoa usa nesta lista. Existe uma foto de Fernando Pessoa com Utra Machado na Rua Augusta, ambos de gabardine, chapéu e papillon.

José Celestino Soares (1883-?). Estudou na Escola Politécnica de Lisboa. Esteve ligado aos começos da rádio, com carácter experimental, e da produção cinematográfica em Portugal. Listado por Fernando Pessoa por volta de 1921 (144G-42^v) como possível subscritor do capital da Olisipo (juntamente com Celestino Soares, 15 anos mais novo). Fernando Pessoa refere-se-lhe em 1919, numa carta a Geraldo Coelho de Jesus, chamando-lhe José Celestino (114²-44). Pessoa fez o seu horóscopo (S3-20°). Foi, em 1938, actor no filme *A Canção da Terra* e, nos anos 40, em *Feitiço do Império*, *Porto de Abrigo* e *Camões*. Foi assistente de produção dos filmes *O Pátio das Cantigas*, *Amor de Perdição* e assistente de realização em *Camões*. Em 1941 era secretário das Produções António Lopes Ribeiro.

Julio Moura (?-?). Foi sócio, com Augusto Franco e Albano da Silva, da firma Companhia União do Príncipe, sita na Rua de S. Julião, 52, 1º, o mesmo endereço da firma F. N. Pessoa.

Celestino Rocha (?-?). Em 1923 era professor liceal em Angra do Heroísmo.

Israel Anahory. Israel Abraão Cagi Anahory (1884-1969). Dentista e diplomata. Teve consultório na Rua Garrett, em Lisboa, e em 1921 entrou para a carreira diplomática. Em 1923 era cônsul em Sète, no Sul de França e, a partir de 1925, em Rouen, no Norte de França. Em Rouen concedeu, em 1935, passaportes a refugiados judeus, pelo que foi demitido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Actuou então nos meios oposicionistas da emigração portuguesa em França, colaborando no jornal *Unir* (órgão da Frente Patriótica Portuguesa). Em 1940, ao regressar a Portugal, foi preso pela polícia política e, em 1941, deportado para S. Tomé. Daí passou à África francesa, onde se incorporou nas forças do general De Gaulle. Em 1950 regressou a Portugal e foi-lhe fixada residência em Olhão. Republicano. Amigo de Fernando Pessoa, Francisco Fernandes Lopes, Ramada Curto, Francisco Pulido Valente e Almada Negreiros. Publicou *Gualdino Gomes* (ed. Seara Nova, 1951).

Luiz Vieira de Castro. Luís Lopes Vieira de Castro (1898-1954). Advogado, jornalista, político e escritor madeirense. Estudou em Coimbra e licenciou-se em direito em Lisboa (1922). Monárquico, aderiu ao integralismo em Coimbra, onde fundou jornais académicos como *Pátria Nova* (1916) e *Nova Fénix Renascida* (1921). Em 1919 colaborou no jornal *Acção*, de que Fernando Pessoa foi o principal redactor. Depois de concluir o curso, regressou à Madeira, onde se dedicou à advocacia, à política e ao jornalismo. Organizou a Causa Monárquica na Madeira. Fundou o *Jornal da Madeira* (Novembro de 1923), de orientação monárquica, antiparlamentar e autonomista. Eleito deputado à Câmara dos Deputados em 1925, viu a sua eleição invalidada. Aderiu em 1934 à União Nacional. Foi deputado nas III e IV legislaturas (1942-1945 e 1946-1949). Publicou *A Europa e a República Portuguesa* (1922) e *D. Carlos I* (1936).

Mario d'Artagão. António da Costa Correia Leite (1866-1937), conhecido pelo pseudónimo Mário de Artagão. Poeta, jornalista, teatrólogo e autor dramático brasileiro, falecido em Lisboa. Estudou filosofia na Alemanha. Detentor de considerável fortuna, nunca exerceu uma profissão. Grande viajador, percorreu a Europa, o Norte de África e a América do Sul. Autor da peça *Janina* (1907). Como poeta deixou: *As Infernais* (1.^a ed. 1889, 3.^a ed. Lisboa: 1914), *Psaltério* (1894), *Música Sacra* (1901), *No Rasto das Águias* (1925), *Rimas Pagãs* (1933), *Feras à Solta* (1936). Foi considerado como “uma figura de rebelde inquieto, monarquista em política, darwinista em ciência”. Membro do Instituto de Coimbra.

João Arez. João Baptista de Almeida Arez (1874-1954). Engenheiro, oficial do Exército, alto funcionário colonial e político. Natural de Pondá, Goa. Atingiu a patente de coronel em 1922 e de general em 1932. Na Grande Guerra, fez parte de uma expedição a Angola e do Corpo Expedicionário Português, em França. Trabalhou na construção e direcção dos caminhos-de-ferro em Angola e Moçambique. Foi director da arma de engenharia e fez parte da Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas e do Conselho Superior das Colónias. Foi eleito deputado em 1918 pelo partido sidonista. Aderiu ao Estado Novo e foi procurador à Câmara Corporativa na I e II legislaturas. Publicou trabalhos de matemática, entre outros.

Fernando Bravo (?-?). Morada: Largo do Corpo Santo, 13, 2.^o dto.

Alvaro Netto (?-?). Ccomerciante e industrial amigo de Alberto da Cunha Dias, Geraldo Coelho de Jesus e, plausivelmente, Fernando Pessoa.

Alvaro Martha. Álvaro Marta (?-?). Oficial da Armada. Atingiu a patente de almirante. Em 1947 foi superintendente dos Serviços da Armada.

Anexo 1. BNP/E3, 144G-42 a 43.

Lista manuscrita de possíveis subscritores do capital da empresa Olisipo, em caderno datável de 1919-1921. Os nomes foram posteriormente riscados um a um, excepto o de João Corrêa d'Oliveira.

[42^r]*Olisipo – Sub[scrip]tores*

- √ 1. (Original capital) 2.000\$00
- √ 2. Antonio Coelho de Jesus.
- √ 3. Geraldo Coelho de Jesus.
- √ 4. A. Soares Franco.
- √ 5. Antonio Séves de Oliveira.
- √ 6. Victoriano Braga.
 - 7. José de Almada-Negreiros.
 - 8. Affonso Rodrigues Pereira.
 - 9. José Pacheco.
 - 10. Mario Freitas.
 - 11. Goes Pinto (?).
 - 12. Numa de Figueiredo.
 - 13. Augusto Ferreira Gomes.
 - 14. Silva Tavares.
- √ 15. Alfredo Guisado.
 - 16. Augusto Franco.
 - 17. Fidelino Costa.
 - 18. Jayme Neves.
 - 19. Antonio Silvano.
 - 20. João Corrêa d'Oliveira. (?)
 - 21. Fernando Lobo d'Avila Lima.
 - 22. Manuel Lobo d'Avila Lima.
- √ 23 Frederico Ferreira.
 - 24. Mauricio de Freitas Lomelino.
 - 25 Simão de Laboreiro.
 - 26. Eugenio Vieira.

[42^v]

- √ 27. Marianno Sant'Anna.
 - 28. José Tavares.
 - 29. João Camoezas.
 - 30. Francisco Fernandes Lopes, Jnr.
 - 31. Luiz Bernardino da Silva.

- √ 32. Luiz de Montalvor.
- 33. Henrique Ferreira.
- 34. Virgilio Guerra Pedrosa.
- 35. Manuel Coelho de Jesus.
- 36. J. M. Duarte Ferreira.
- 37. Carlos Alberto Ferreira.
- 38. Visconde de Villa Moura.
- 39. Teixeira de Pascoaes.
- 40. Julio Fragoso.
- √ 41. Henrique Rosa. (exam.)
- 42. W. G. Bentley (?).
- √ 43. Celestino Soares.
- 44. José Celestino Soares.
- 45. Lisbella Pessoa Machado.
- 46. Justino Chaves.
- 47. João Pessoa Chaves.
- 48. Jacques Pessoa.
- 49. Augusto Mira da Silva.
- 50. José Luiz Supico.
- 51. Leonel e Julio Quina Ribeiro.
- 52. Joaquim Pantoja (get).
- √ 53. Affonso Sá Pereira de Mello (get).

[43^r]

- 54. Luiz Frazão (get).
- 55. José Isidoro Pereira.
- 56. [Carlos] Pires de Lima da Fonseca.
- 57. Cesar Porto.
- 58. □ Braga (do C. S. L.).
- 59. (elementos sidonistas).
- 60. (elementos monarchicos).
- 61. (elementos da provincia).
- 62. □
- 63. □
- 64. □
- 65. □
- 66. □
- 67. □
- 68. □
- 69. □
- 70. □

71. □

– (para ac[ções] de 25\$00).
maximo 30\$00)⁴

acções de 50\$00. - ?

*Primitivos.

A. Soares Franco.

A. B. Coelho de Jesus.

A. P. Guisado.

Luiz de Montalvor.

Marianno Sant' Anna.

Geraldo Coelho de Jesus (when paid from here).

José Faisca.

Frederico Ferreira.

Augusto Ferreira Gomes. (when paid from here).

? Augusto Franco.

Victoriano Braga.

Celestino Soares. (when he gets † from †)

José Tavares.

Antonio Séves de Oliveira. (his books).

? José Isidoro Pereira.

Augusto Mira da Silva.

? M[auricio] de Freitas Lomelino.

L[eonel] e J[ulio] Quina Ribeiro.

[43^v]

José Coelho Pacheco.

Julio Fragoso (ag.)

Henrique Ferreira.

F[rancis]co Fernandes Lopes. Jnr. escrever

Luiz Bernardino da Silva. escrever

Numa de Figueiredo (ag).

Mario Freitas (obter, † conjuncto)

Alv[aro] da Camara Leme (ag).

Jayme Leite (ag).

Fernando Valladas.

José Damião Felix.

⁴ 160 people for 8 contos] *anotação no canto superior direito da página, separada da lista por dois traços, que corresponde ao total de 160 acções de 50\$00.*

Joaquim Pantoja (ag.)
Af[fonso] Sá Pereira de Mello (ag.)
Fernando Lobo d'Avila Lima.
Manuel Lobo d'Avila Lima.
José Lobo d'Avila Lima.
□ Soeiro (?).

Bibliografia

- ALMEIDA, Luís Pedro Moitinho de (1985). *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte*, Coimbra: Coimbra Editora.
- BARRETO, José (2014). “Fernando Pessoa – germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 6, Outono, pp. 153-216.
- ____ (2013). “Mar Salgado: Fernando Pessoa perante uma acusação de plágio”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 46-55.
- ____ (2012a). “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono, pp. 240-270.
- ____ (2012b). “A publicação de *O Interregno* no contexto político de 1927-1928”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono, pp. 174-207.
- ____ (2012c). “O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 70-138.
- ____ (2010). “Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do *Orpheu* à ‘Política do Espírito’”, comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa / Câmara Municipal de Lisboa, 23-25 de Novembro. Acessível em: https://www.academia.edu/6765671/Fernando_Pessoa_e_Ant%C3%B3nio_Ferro
- LENCASTRE, Maria José (1981). *Fernando Pessoa: uma fotobiografia*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOPES, Teresa Rita (2011). “O seu a seu dono”, *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 20 de Abril a 3 de Maio, pp. 10-11.
- PESSOA, Fernando (2013a). *Apreciações Literárias*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2013b). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2010). *Livro do Desasocego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1998). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1996). *Correspondência Inédita*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1967). *Páginas de Estética e de Crítica e de Teoria Literárias*. Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1913). “Naufrágio de Bartolomeu”, *Teatro – Revista de Crítica*, Lisboa, ano 1, n.º 1, 1 Março, p. 6.
- PIZARRO, Jerónimo (2015). “‘Essa Besta’: sobre *Orpheu*, Egas Moniz e Júlio de Matos”, in Cid Seixas e Adriano Eysen (org.), *Orpheu em Pessoa. Simpósio Internacional 100 anos da revista Orpheu: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade*. Feira de Santana: Editora Universitária do Livro Digital, pp. 13-42.
- ____ (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática.

- SÁEZ DELGADO, Antonio (2007) "Ramón Gómez De La Serna, António Ferro y la greguería", *Península – Revista de Estudos Ibéricos*, Porto, n.º 4, pp. 195-202.
- SÁEZ DELGADO, Antonio; PIZARRO, Jerónimo (2014). *Fernando Pessoa em Espanha*. Lisboa: BNP/Babel.
- SOUSA, João Rui de (2010). *Fernando Pessoa Empregado de Escritório*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2.ª ed.
- XAVIER, Alberto (1962). *História da Greve Académica de 1907*. Coimbra: Coimbra Editora.